

Relendo as Epístolas

Ismael Armond

Agradecimento

Agradeço à minha querida companheira de todas as horas, Maluh, pelo apoio, colaboração e, principalmente, paciência para comigo e meus afazeres.

Agradeço, também, a meus irmãos de trabalho no Grupo Espírita Missionários da Luz de Lorena, que sempre me incentivaram na execussão da tarefa de amor que juntos temos realizado.

O Autor.

ÍNDICE

Introdução . . . pg. 5

Primeira Parte:

As Epístolas de Paulo

Saulo de Tarso . . . pg. 17

A 1ª Viagem . . . pg. 20

O Concílio de Jerusalém . . . pg. 22

A 2ª Viagem . . . pg. 24

Epístola I aos Tessalonicenses . . . pg. 30

Epístola II aos Tessalonicenses . . . pg. 32

A 3ª Viagem . . . pg. 35

Epístola I aos Coríntios . . . pg. 37

Epístola II aos Coríntios . . . pg. 54

Epístola aos Gálatas . . . pg. 57

Epístola aos Romanos . . . pg. 62

Viagem de Paulo a Roma . . . pg. 76

Epístola aos Filipenses . . . pg. 76

Epístola aos Colossenses . . . pg. 80

Epístola aos Efésios . . . pg. 82

Epístola a Filemon . . . pg. 86

Epístola I a Timóteo . . . pg. 88

Epístola II a Timóteo . . . pg. 92

Epístola a Tito . . . pg. 95

Epístola aos Hebreus . . . pg. 97

Segunda Parte:**A Epístola de Tiago . . pg. 111****As Epístolas de Pedro**

Epístola I de Pedro . . . pg. 121

Epístola II de Pedro . . .Pg. 125

As Epístolas de João

Epístola I de João . . .pg. 127

Epístola II de João . . .pg. 130

Epístola III de João . . .pg. 131

A Epístola de Judas . . . pg. 132**Conclusão . . . pg. 134****Bibliografia . . . pg. 140**

Introdução

A espiritualidade, em inúmeras obras, nos tem esclarecido que a vinda de Jesus de Nazaré foi preparada com bastante antecedência. Profetas anunciaram a vinda do Cristo; filósofos anteciparam idéias cristãs; João Batista foi o precursor.

Da mesma forma, dentre espíritos dotados de características especiais, foram escolhidos os apóstolos e discípulos que acompanharam o Mestre, e aqueles que, mesmo sem ter com Ele convivido, vieram a ser grandes divulgadores da doutrina cristã.

A grande obra de Emmanuel, *Paulo e Estevão*, psicografada por Chico Xavier, nos dá uma visão clara desse cenário.

Há algum tempo venho procurando encontrar obras que pudessem me orientar no estudo das Epístolas do Novo Testamento e numa análise de seus respectivos conteúdos. Não encontrei. Este livro é a consequência dos apontamentos que fui obrigado a fazer quando do trabalho de pesquisa, compreensão e organização cronológica do raciocínio, buscando o entendimento das mensagens que seus autores nos deixaram.

Quando iniciamos a pesquisa sobre um tema qualquer somos obrigados a nos inserir no conjunto de fontes de informação que contém esses dados e sobre o contexto em que estão eles envolvidos.

No nosso caso, as fontes de informação se restringem ao Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, escrito por Lucas, e nas informações de origem histórica, que são poucas.

Não se trata de uma biografia dos maravilhosos trabalhadores escolhidos pelo Mestre; a isso não me atreveria. Trata-se de uma tentativa de co-relacionar, as viagens de Paulo com o texto de suas epístolas e, também, de procurar entender o pensamento, dele e desses outros Espíritos iluminados, através do que encontramos em suas respectivas redações.

Sabemos que devemos considerar, nessa tentativa de entendimento e interpretação de suas cartas, os vários aspectos que dificultam a análise.

O primeiro deles seria motivado pelas adulterações produzidas nos textos do Novo Testamento, em função das traduções ou, intencionalmente, visando sua adequação aos princípios adotados pela Igreja Romana. Isso não podemos saber.

Por último, devemos levar em consideração o nível de desenvolvimento intelectual do povo, daquela época. Aliás, em relação a esse aspecto,

vamos encontrar entre os próprios apóstolos, a dificuldade de compreensão dos ensinamentos do Mestre, como descrito nos Evangelhos canônicos, no de Maria de Magdala, e em outros textos considerados apócrifos.

Analisando todos esses fatos e conhecendo o trabalho missionário desenvolvido por esses homens, não podemos deixar de concluir que, sem dúvida alguma, somos obrigados a distinguir um dos apóstolos, como se tratando de um ser especial: Saulo de Tarso.

A ele dedicaremos a Primeira Parte deste livro. Coube a esse homem a pesada missão de difundir, principalmente aos pagãos, aos gentios, os ensinamentos de Jesus.

Inteligente, culto, perseverante, devotado ao compromisso que abraçava, este era o fariseu, doutor das leis mosaicas, Saulo de Tarso. Com a mesma tenacidade com que inicialmente defende as leis judaicas e persegue os Homens do Caminho, depois do encontro com Jesus, às portas de Damasco, passa a ensinar a Boa Nova viajando pelo mundo e enfrentando perigos e perseguições.

Certamente foi o mais corajoso, o mais bem preparado, o mais capaz, dentre os Apóstolos, sem ter sido um dos doze.

No entanto, mesmo esse homem especial deve ter sofrido uma série de lutas internas. Talvez, a mais importante tenha sido a formação farisaica de Paulo; a influência das Leis Mosaicas que, provavelmente, devem ter gerado em seu íntimo um conflito diante dos ensinamentos transmitidos por Jesus. Eles o impressionaram a tal ponto que sua consciência obrigou o perseguidor a se transformar em Apóstolo. Aliás, podemos sentir isso, com facilidade, nas referências e nas divergências existentes entre o texto da chamada Lei da Justiça, a Lei Mosaica, voltada mais para a conduta material, que se contradiz com a doutrina do Cristo, a Lei do Amor, de cunho puramente moral, espiritual.

Nesse sentido, deve ainda ser ressaltada a importância atribuída por Paulo ao intercâmbio com o Plano Espiritual, a preocupação e o respeito às orientações recebidas mediunicamente e as recomendações transmitidas aos cristãos e direcionadas para a realização desses tipos de trabalho.

A Segunda Parte do livro é dedicada às epístolas de autoria dos outros Apóstolos. É evidente que a eles coube, também, a realização de tarefas bastante importantes, apesar de se apresentarem mais simplesmente, como seres

menos intelectualizados. A cada um foi atribuído um papel específico.

Talvez, por essa razão, tem suas epístolas características completamente diferentes das de Paulo. No entanto, eles se deparavam também com dificuldades oriundas de seus costumes vinculados totalmente à Lei Mosaica, e à própria limitação em entender e transmitir as mensagens contidas na nova Lei trazida pelo Cristo, que se contrapunha em grande parte a tudo o que conheciam. O que permitiu a eles vencer essas dificuldades foi, sem dúvida, a mediunidade de que eram dotados.

Não foi sem razão ter o próprio Cristo, em João (14:16 e 17) e (14:26), declarado a necessidade de ser enviado um "outro Paráclito", um outro Consolador, "o Espírito da Verdade", que ensinaria tudo e recordaria tudo o que Ele havia dito.

A metodologia utilizada nesta obra obedece ao seguinte esquema:

- Na Primeira Parte, um relato, não detalhado, das viagens realizadas por Paulo, após sua conversão. Inseridas no relato das viagens, foram incluídas as Epístolas segundo a época e o local onde foram escritas.

- Na Segunda Parte encontram-se as epístolas redigidas pelos demais apóstolos, sendo

obedecida a sequência colocada no Novo Testamento e não uma seqüência cronológica que não está muito clara.

Tanto para as viagens, descritas no Atos dos Apóstolos, como para as Epístolas, o texto usado foi o da Bíblia de Jerusalém. Somente como elemento comparativo adotamos o das Edições Paulinas.

Da mesma forma com que tratamos a descrição das viagens, não foram as Epístolas descritas ou transcritas na sua integralidade, mas, somente em relação aos aspectos de interesse doutrinário, acrescidos dos comentários, julgados por nós como pertinentes, correlacionando o que é contido nas Epístolas com a doutrina codificada por Kardec. Esses comentários foram impressos com letras diferentes para não serem confundidos com a narração dos textos das epístolas.

A interpretação constante desses comentários é de nossa total responsabilidade e não representa o entendimento da Doutrina Espírita. Representa, exclusivamente, uma opinião do que entendemos ser o aprendizado que pudemos colher do pensamento desses homens extraordinários, que foram, sem dúvida alguma, escolhidos pelo Cristo para a execução dessas tarefas missionárias da mais alta importância.

Nas epístolas de Paulo vamos encontrar o uso reiterado de algumas expressões, sobre as quais julgamos conveniente dar, nesta Introdução, a interpretação de seu significado, segundo nosso entendimento doutrinário. Evitamos assim, ter de repetir a apreciação sobre esse mesmo assunto no decorrer do estudo.

- As primeiras se referem ao emprego das palavras "santos" e "santidade". Ele nos ensina que o termo "santo", era originalmente usado por ele, em relação aos irmãos cristãos, como um qualificativo que significaria "seres bondosos" e não como passou a ser empregado, mais tarde, pelo Catolicismo, para a titulação de uma "nobreza espiritual", à semelhança dos Devas ou semi-deuses do Bramanismo.

Essa referência aos "bons espíritos" ou "espíritos santos", também reiteradamente usada nas epístolas, foi alterada, alguns séculos mais tarde, no século IV, e em vários trechos dos Evangelhos do Novo Testamento, pela introdução da figura do "Espírito Santo", que não constava da Vulgata Latina e que, por decisão conciliar, passou a denominar a terceira divindade integrante da trindade, ser esse responsável por toda manifestação espiritual, mediúnica, de origem superior.

Em relação ao segundo termo, "santidade", nota-se ser ele usado como a indicação da reforma moral, da espiritualização, que deve ser buscada pelo homem.

- O segundo grupo de expressões se refere ao emprego dos termos, "Filho de Deus", "Único Filho de Deus", "Unigênito", "Filho Adotivo", "Filho do Homem", "Primogênito", emprego esse que, aliás, é encontrado também nos Evangelhos¹.

Não há qualquer dúvida quanto ao grau de evolução de Jesus, Espírito responsável pela condução de nosso planeta desde antes de sua criação. É impraticável, portanto, nos compararmos ao Espírito do Mestre. Nesse aspecto, é Ele "Único" em nosso planeta. O único que se encontra mais próximo do Pai. O único encarnado nas condições em que encarnou, demandando uma preparação de adaptação de teor vibratório, que não temos capacidade de entender e dimensionar. Quando referindo-se a Ele como esse ser "Único e Unigênito", alegoricamente, foi introduzida a figura do "Filho Adotivo" para todas as demais criaturas do Pai, com o intuito de diferenciá-las. No entanto, Sua encarnação deu-se, como não poderia deixar de ser, segundo as Leis Naturais, que são divinas. Seu

¹ Allan Kardec. Obras Póstumas – Item IX da Primeira Parte.

corpo físico era constituído dos mesmos elementos orgânicos que os nossos e somos tão filhos de Deus quanto Ele.

Comprovando esse entendimento, o próprio Mestre se intitulou de "Filho do Homem", como tendo nascido do homem, como sendo fruto da carne. Disse ainda: "Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus" (João 20:17). Demonstrou sempre, que temos todos a mesma origem e que retornaremos ao mesmo Pai. Que poderemos fazer tudo o que Ele fez, e muito mais, porque todos seguiremos a mesma escalada evolutiva e que um dia alcançaremos, também, a perfeição (João 14:12).

Da mesma forma, podemos considerar o Mestre como o "Primogênito" de todas as criaturas encarnadas neste orbe, por ser, o primeiro, o mais velho dos filhos de Deus que já habitou esta Terra.

Nas epístolas dos outros apóstolos nota-se que não foram dirigidas a destinatários específicos, mas aos cristãos em geral. Existe, ainda, por falta de informações históricas confiáveis, uma série de dúvidas sobre alguns dos autores.

Em todas, Jesus é considerado o "Salvador", o "Cordeiro de Deus que veio retirar os pecados do mundo". Aliás, essa é a visão difundida entre os cristãos, em geral, que seguem a posição de origem romana.

Em nosso entender, a vinda do Mestre, encarnando entre nós, se efetivou com o objetivo de dar início a uma nova fase evolutiva de nosso planeta. Isso se concretizou com a apresentação aos homens de uma nova maneira de viver, de ver as coisas, de se relacionar com o próximo. O mundo necessitava de uma nova diretriz que passaria a condicionar a sociedade a uma nova lei moral, a Lei do Amor.

Ele nos mostrou, através da Revelação que anunciou, ser a vida espiritual a verdadeira vida e que, para alcançar o Reino de Deus é necessário que o homem se preocupe muito mais com sua conduta moral do que com seus costumes e ritos materiais. Que aqueles, anunciados por Moisés nos livros do Antigo Testamento haviam servido, para o "homem velho", em um estágio anterior.

Nesse aspecto, podemos e devemos considerar o Cristo como o nosso "Salvador". Veio nos salvar da ignorância, abrindo nossos olhos para que pudéssemos focalizar um novo objetivo, um novo horizonte, a ser alcançado. Não mais com o enfoque de poder considerá-Lo como o cordeiro, um animal apresentado ao sacrifício de sangue, que teria vindo obter o perdão dos pecados do mundo. Ele, em Seus ensinamentos, nos mostrou que isso não existe; que a conquista da nossa perfeição depende de nosso esforço, de nosso sacrifício, de

nossos atos, e que só poderemos colher o que plantamos; que ninguém deixará de pagar todos os débitos, até o último centavo. No entanto, disse também que o Pai não deseja que nenhum de seus filhos se perca e que todos alcançarão a verdade.

No necessário entendimento e correta interpretação dos textos encontrados, apesar da consciência que possuo de minhas imperfeições, espero ter podido contar com a indispensável assistência do Plano Espiritual Superior, para que, durante a execução deste trabalho tenha alcançado as condições necessárias, descritas pelo Mestre, de possuir "olhos para ver e ouvidos para ouvir".

O Autor.
Maio de 2006

PRIMEIRA PARTE

As Epístolas

de Paulo

Saulo de Tarso

Saulo era filho de família judaica, rica, da tribo de Benjamim. Seu pai havia adquirido a cidadania romana. Nasceu no início de nossa era, na cidade de Tarso, na Cilícia, tendo desde sua infância sido educado em Jerusalém pelo líder fariseu Gamaliel (Atos 21:39 e 22:3-27) .

Passou a se destacar em Jerusalém, perante os membros do Sinédrio, como um dos principais perseguidores dos chamados "Nazarenos ou Homens do Caminho", nomes inicialmente dados aos seguidores do Cristo.

Perdeu a visão após sua conversão ao Cristianismo, por volta no ano 33, às portas da cidade de Damasco, na Síria, quando Jesus lhe aparece em vidência. Tendo recuperado a visão, pela imposição de mãos realizada por Ananias, passou a conviver com os helenistas² essênios em Kokba, arredores de Damasco, durante três anos.

Sentindo necessidade de meditar sobre o que lhe havia acontecido e sobre sua vida futura, resolveu recolher-se ao deserto, em Palmira, a nordeste de Damasco, aonde encontrou seu antigo orientador, Gamaliel, também convertido ao

² Judeus nascidos fora da Palestina.

Evangelho de Jesus. Este, feliz pela transformação do antigo pupilo, lhe faz doação dos pergaminhos que havia recebido de Pedro, o apóstolo.

De posse do novo tesouro que veio se somar aos que tinha copiado, daqueles que possuía Ananias, Paulo aceitou a sugestão de se retirar para o Oásis de Dan, aonde se reuniu aos tecelões, Áquila e sua mulher Prisca ou Priscila, trabalhadores do irmão de Gamaliel. Naquele local meditou sobre sua vida e seu futuro, vivendo como tecelão, profissão que já conhecia.

No ano de 37, Saulo voltou a Jerusalém. Lá, graças ao testemunho de Barnabé, relatando os episódios ocorridos na Síria, passou ele a ser recebido pelos apóstolos e discípulos que anteriormente o temiam. Como viesse a pregar as mensagens do Cristo naquela cidade, iniciaram-se as reações contra ele, por parte dos judeus, tendo os cristãos tomado a iniciativa de conduzi-lo a Cesaréia e de lá para a cidade de Tarso (Atos 9:26-30). Ainda em Jerusalém, enquanto orava no Templo, teria Saulo "entrado em êxtase", isto é, recebido mediunicamente uma orientação do Mestre para que saísse daquela cidade e a informação de que sua tarefa seria realizada longe da Palestina e junto aos gentios (Atos 22:17).

Após a execução de Estevão, os discípulos que haviam se transferido para outras cidades

limitavam o anúncio do Evangelho aos judeus. No entanto, alguns falaram também aos helenistas que difundiram a palavra a grande número de convertidos na cidade de Antioquia.

Sabedor dessa notícia, Barnabé para lá se dirigiu e, constatando essa realidade, viajou então para Tarso a procura de Saulo; seguiram ambos dali para Antioquia onde permaneceram ensinando por cerca de um ano. Foi nessa cidade, capital da Síria naquela época, localizada às margens do rio Orontes, a mais importante cidade do Império Romano depois de Roma e de Alexandria que, pela primeira vez, os discípulos que eram conhecidos como os "nazarenos" ou os "homens do caminho", por sugestão de Lucas passaram a ser denominados de "cristãos" e, o título de "Cristo, Ungido, Messias" passou a ser usado como nome próprio, designando a pessoa de Jesus (Atos 11:19-26). Saulo passou também a usar como cognome, seu nome na forma latina, isto é, Paulo.

A 1ª Viagem

(Mapa – figura 1)

Seguindo orientação recebida “do espírito santo”³, isto é, mediunicamente, Barnabé e Paulo iniciaram por volta do ano 40 a 1ª viagem rumo a ilha de Chipre, terra natal de Barnabé. Pregaram na sinagoga de Salamina, atravessaram a ilha até Pafos e de lá embarcaram para Perge na Panfília, penetrando até Antioquia da Psídia, onde pregaram nas sinagogas e aos gentios (Atos cap. 13).

Em face da perseguição que era desencadeada pelos judeus, prosseguiram para Icônio, aonde permaneceram por algum tempo até que se iniciaram as mesmas reações. Deslocaram-se então para Listra e Derbe, cidades da Licaônia e daí fizeram o mesmo itinerário de retorno até Antioquia, de onde haviam partido, sem retornarem à ilha de Chipre (Atos cap. 14).

³ O Espírito Santo, membro da trindade, só foi instituído pelo Concílio de Constantinopla, realizado no ano 381, após a divinização de Jesus decidida pelo Concílio de Nicéia em 325. O texto original se referia a “bons espíritos”. Veremos que, em outras oportunidades, a orientação mediúnica dada para o itinerário a ser seguido, utilizará outros termos.

Figura 1.

O Concílio de Jerusalém

Em Antioquia encontraram um ambiente estremecido pelas divergências entre os judeus cristãos e os cristãos de origem não judaica. Os judeus mantinham ainda bem presente as normas da Lei Mosaica exigindo dos gentios a circuncisão para confirmação da aceitação do Deus Único.

Coube a Paulo e Barnabé tomarem a defesa dos não judeus, tentando demonstrar que segundo os ensinamentos do Cristo, deveriam eles permanecer na mesma situação em que se encontravam quando adotaram a Boa Nova.

Como as discussões não se encerrassem, ficou resolvido que o assunto seria levado a apreciação dos anciãos e dos apóstolos, em Jerusalém.

Para lá seguiram, Paulo, Barnabé e alguns dos judeus, atravessando a Fenícia e a Samaria.

Em Jerusalém, o grupo de antigos fariseus que havia se convertido ao Cristianismo, já insistia na tese da circuncisão dos gentios, mesmo antes do que ocorrera em Antioquia. Com a chegada de Paulo, reuniram-se com ele os anciãos e os apóstolos.

Cientes do problema, Pedro falou ser testemunha de que Deus teria concedido aos gentios o "espírito santo", isto é, os dotes mediúnicos, assim como aos judeus, não fazendo qualquer diferença entre eles; porque então deveriam fazer qualquer exigência aos gentios?

Como os anciãos concordassem com o que dissera Pedro, fez-se silêncio na reunião; Paulo e Barnabé puderam então expor todos os prodígios ocorridos entre eles e os gentios. Quando terminaram de falar, Tiago, o irmão de Jesus⁴, tomou a palavra exprimindo a decisão final de não molestarem os gentios, mas, de recomendar a eles: "que se abstenham do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue" (Atos 15:1-20).

Decidiu ainda a assembléia enviar, juntamente com Barnabé e Paulo, dois de seus representantes, Judas cognominado Barsabás e Silas ou Silvano, que falariam aos irmãos, já que eram "profetas", médiuns, e que apresentariam aos cristãos de Antioquia, Síria e Cilícia o texto de carta contendo a decisão tomada em Jerusalém (Atos 15:22 a 35).

⁴ Tiago, o Maior, irmão de Jesus, liderava os anciãos e foi mais tarde considerado como tendo sido o líder dos Apóstolos e o primeiro bispo de Jerusalém.

A 2ª Viagem

(Mapa – figura 2)

Durante suas viagens, Paulo ia constituindo grupos de pessoas que passavam a se reunir para estudar os ensinamentos de Jesus. Esses grupos, denominados Ecclesias⁵, foram se multiplicando por toda a região visitada.

Por volta do ano 49, Paulo resolveu fazer uma nova visita aos irmãos das cidades por onde já havia passado. Seguiu desta vez acompanhado de Silas, deixando que Barnabé seguisse com Marcos para Chipre.

Partindo de Antioquia atravessou a Síria e a Cilícia, alcançando Derbe e depois Listra, onde convidou um discípulo chamado Timóteo para acompanhá-los.

Pelas cidades por que passavam iam dando conhecimento das decisões tomadas em Jerusalém.

Por orientação do Plano Espiritual deixaram de seguir para a Ásia, atravessando a Frígia, a Galácia, a Mísia e desceram para Trôade.

Em certa noite Paulo recebeu em sonho o pedido de ajuda de um macedônio. Resolveram,

⁵ Ecclesia, palavra grega que significa reunião, assembléia. No latim, Iglésia, isto é, igreja.

então, para lá se dirigir, chegando a Filipos a principal cidade da região e colônia romana.

Em Filipos, após pregarem as mensagens do Cristo, foram presos, açoitados e forçados a deixar a cidade, seguindo para Anfípolis, Apolônia e Tessalônica, aonde havia uma sinagoga judaica.

Na sinagoga falaram durante vários sábados seguidos, tendo conquistado grande número de adeptos, o que desagradou aos judeus, que forçaram sua saída da cidade.

Seguindo para Beréia foram bem recebidos tendo muitos abraçado a fé. Porém, os judeus de Tessalônica, sabedores do fato, para lá se dirigiram obrigando a fuga de Paulo para Atenas.

Em Atenas, Paulo vai pregar no Areópago e consegue chamar a atenção enquanto fala do Deus desconhecido para os gregos. No entanto, quando se referiu à ressurreição de Jesus não é levado a sério, sendo mesmo ridicularizado.

Seguiu então para Corinto, capital da província romana da Acáia, até a chegada de Timóteo e Silas que retornavam da Macedônia; ali trabalhou como tecelão, na fabricação de tendas, juntamente com um casal cristão, Áquila e sua mulher Priscila, os mesmos com quem havia convivido no Oásis de Dan, no deserto da Síria. Com a chegada dos companheiros reiniciou as atividades de pregação.

Figura 2.

Encontrando pouca receptividade na sinagoga, decidiu pregar aos gentios. Nessa cidade residiu por um ano e meio, da primavera de 50 ao fim do verão de 51, apesar das tentativas de interferência desenvolvidas pelos judeus. Nesse período, em Corinto, escreveu, provavelmente no ano 50, as primeiras Epístolas que foram endereçadas aos Tessalonicenses.

Como Emmanuel descreve no Livro Paulo e Estevão⁶, foi em Corinto que Paulo começou a sentir o resultado de seu trabalho. Permanecendo por um tempo razoável naquela Ecclesia, passou a receber visitas de emissários vindos de outros grupos instalados em outras regiões, que pediam a orientação de Paulo para a urgente solução de assuntos os mais variados.

Emmanuel descreve o desespero de Paulo e a solução vinda do Plano Espiritual, que passamos a reproduzir:

“Sentindo-se incapaz de atender a rodas as necessidades so mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho, valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

⁶ Paulo e Estevão, capítulo VII.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa:

- Não temas – dizia a voz -, prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.

O Apóstolo deu curso às lágrimas que lhe fluíam do coração. Aquele cuidado amoroso de Jesus, aquela exortação em resposta ao seu apelo, penetraram-lhe a alma em ondas cariciosas. A alegria do momento dava para compensar todas as dores e padecimentos do caminho. Desejoso de aproveitar a sagrada inspiração do momento que fugia, pensou nas dificuldades para atender às várias igrejas fraternas. Tanto bastou para que a voz dulcíssima continuasse:

- Não te atormentes com a necessidade do serviço. É natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazeres, simultaneamente, pelos poderes do espírito.

Procurou atinar com o sentido justo da frase, mas teve dificuldade íntima de o conseguir.

- Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não

está na presença pessoal do missionário, mas no conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Doravante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.

O dedicado amigo dos gentios viu que a luz se extinguiu; o silêncio voltara a reinar entre as paredes singelas da igreja de Corinto; mas, como se houvera sorvido a água divina das claridades eternas, conservava o Espírito mergulhado em júbilo intraduzível. Recomeçaria o labor com mais afincado, mandaria às comunidades mais distantes as notícias do Cristo.

De fato, logo no dia seguinte, chegaram portadores de Tessalônica com notícias desagradabilíssimas. Os judeus haviam conseguido despertar, na igreja, novas e estranhas dúvidas e contendas. Timóteo corroborava com observações pessoais. Reclamavam a presença do Apóstolo com urgência, mas este deliberou pôr em prática o alvitre do Mestre, e recordando que Jesus lhe prometera associar Estevão à divina tarefa, julgou não dever atuar por si só e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas famosas epístolas.”

Hoje, com os esclarecimentos de Emmanuel, podemos afirmar que as epístolas, contendo os

pensamentos do Mestre, foram ditadas pelo Espírito de Estevão, através da mediunidade de Paulo, e escritas pelas mãos de seus auxiliares. Paulo, em geral, as assinava de próprio punho.

Epístola I aos Tessalonicenses

Nessa primeira Epístola, Paulo se dirigiu aos cristãos de Tessalônica, em seu nome e no de Silas ou Silvano e de Timóteo, seus acompanhantes. Inicia falando de seu trabalho naquela cidade e na Macedônia, de um modo geral. Demonstra sua felicidade por receber notícias sobre a expansão da doutrina cristã naquela região.

Apesar das boas notícias exorta os irmãos a continuarem na busca de seu aperfeiçoamento e no respeito e amor ao próximo, dizendo: "Pois Deus não nos chamou para a impureza, mas sim, para a santidade. Portanto, quem desprezar essas instruções não despreza um homem, mas Deus, que vos infundiu o seu Espírito" (4:7-8). Refere-se Paulo às palavras do profeta Ezequiel em 36:27 – "Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com meus estatutos e guardéis

as minhas normas e as pratiqueis”, e em 37:14 – “Porei o meu espírito dentro de vós e vivereis”.

Como bem podemos entender, o profeta se refere à criação do Espírito, do Princípio Espiritual ou Princípio Inteligente; dessa centelha divina, emanada do Criador, que se unirá à matéria através do Fluido Vital, onde reside o Princípio Inteligente, dando origem ao ser vivo, ao ser orgânico⁷.

Fala da necessidade da reforma moral, porque Deus nos teria criado para a evolução. Demonstra que trouxemos conosco, em estado latente, a essência do mais nobre dos sentimentos, o amor, restando a nós, pelo nosso esforço, desenvolvê-lo: “Não precisamos vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes pessoalmente de Deus a amar-vos mutuamente” (4:9).

Continuando com as recomendações, fala sobre a ressurreição, segundo os ensinamentos judaicos, e encerra, recomendando os cuidados nas relações com o Plano Espiritual, dizendo: “Não extingais o Espírito; não desprezei as profecias. Discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda espécie de mal” (5:19-22).

⁷ Allan Kardec. Livro dos Espíritos, Introdução e questão nº 65.

Recomenda nessa frase a importância do intercâmbio com o Plano Espiritual, não desprezando as "profecias" e, a necessidade da análise das comunicações, excluindo-se delas o que não seja aceitável. O reconhecimento dos "falsos deuses e dos falsos profetas"; a identificação do grau de evolução dos Espíritos que se comunicam e a análise do conteúdo daquilo que exprimem.

Na despedida, Paulo se refere à divisão do ser humano: " ... e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados ..." (5:23).

É ele talvez o único, no Novo Testamento, a citar essa divisão que pode ser entendida como: Espírito, Corpo Espiritual ou Perispírito⁸ e Corpo Físico.

Epístola II aos Tessalonicenses

⁸ Allan Kardec. Livro dos Espíritos, questão nº 93.

Passados alguns meses Paulo enviou a segunda Epístola aos Tessalonicenses.

Nela elogia a fé, o trabalho desenvolvido pelos membros da Ecclesia⁹ local e a perseverança e a coragem diante das perseguições.

Nesse texto pode-se notar a luta entre as tendências cristã e judaica, quando se referindo ao sofrimento das perseguições, afirma: "Elas são o sinal do justo julgamento de Deus: é para vos tornardes dignos do Reino de Deus, pelo qual sofreis", e quando indica a ação divina de punição: "para vingar-se daqueles que não conhecem a Deus, e que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus" (cap. 1).

No capítulo 2 reitera a perseverança no bem como meio para serem salvos, mediante a "santificação do Espírito e a fé na verdade", que para nós representa, não a salvação, mas a evolução por meio do esforço na nossa transformação moral, colocando em prática os ensinamentos de Jesus.

No terceiro capítulo, antes de se despedir, adverte os fiéis contra a desordem, contra a ociosidade, aconselhando o isolamento daqueles que agem mal, sem os tratar como inimigos, mas corrigindo-os como irmãos.

⁹ Ecclesia em grego, Iglesia em latim – significa reunião, assembléia de fiéis e não o prédio do templo, como veio a significar posteriormente na tradução para igreja.

Na despedida, afirma: “A saudação é de meu próprio punho, Paulo. É este o sinal que distingue minhas cartas. Aí está a minha letra!” (3:17) Entende-se que em suas cartas, somente a assinatura será de seu próprio punho, com sua letra.

De Corinto iniciou o retorno para a Síria, passando por Éfeso, capital da província romana da Ásia, onde se separou dos demais, seguindo por mar para Cesaréia na Palestina e de lá, após ter visitado Jerusalém, dirigiu-se para Antioquia.

A 3ª viagem

(Mapa – figura 3)

Após permanecer algum tempo em Antioquia, Paulo iniciou sua terceira viagem visitando as regiões da Galácia e da Frigia e, reencontrando os discípulos.

Dirigiu-se em seguida a Éfeso onde permaneceu, por mais de dois anos, entre 52 e 54.

Encontrando vários novos discípulos, recentemente convertidos, questionou-os sobre terem eles recebido o espírito quando da adoção do Cristianismo. Como desconhecessem o que isso significava, Paulo perguntou: "Em que batismo fostes batizado?" "No batismo de João", responderam; Paulo então esclareceu: "João batizou com o batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que viria após ele, a saber, em Jesus". Realizou então Paulo a imposição de mãos, que denominava, batismo pelo fogo, tendo os discípulos, mediunizados, transmitido mensagens em língua estrangeira e "profetizado". Eram cerca de doze pessoas. (Atos 19:2-6).

Figura 3.

Convém aqui lembrarmos que João Batista utilizava o ritual essênio do batismo do arrependimento, pela água. Paulo havia aprendido que o batismo realizado com a imposição das mãos não tinha por objetivo a purificação, mas a sensibilização espiritual (Atos 8:17 e 9:17-18).

Nesse período Paulo foi instrumento de vários "milagres", quer pelas curas de doenças materiais, quer afastando espíritos obsessores.

Os judeus que tentavam se contrapor a Paulo, exorcizando, passaram então a usar o nome de Jesus, e do próprio Paulo, para obter sucesso na doutrinação de Espíritos sofredores. Segundo consta em Atos 19:15, em uma dessas oportunidades teria o Espírito assim respondido a eles: "Jesus eu o conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?" E os agrediram.

Fatos como esse iam ampliando progressivamente a confiança e a aceitação das palavras e ensinamentos de Jesus.

Epístola I aos Coríntios

Durante essa estada em Éfeso, Paulo escreveu aos Coríntios. A primeira carta não foi reproduzida no Novo Testamento, mas sua existência é citada em I Coríntios (5:9-13).

A primeira Epístola que se conhece, I Coríntios, foi escrita por volta da Páscoa de 54.

Nela Paulo se dirige aos cristãos da cidade, ".....àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo....." (1:2). Inicialmente vamos encontrar recomendações para a manutenção da fraternidade entre os cristãos. Recomendações visando a união e a concórdia em torno do mesmo modo de pensar.

Contém, também, profundos pensamentos e ensinamentos ressaltando o entendimento das coisas materiais e espirituais. Afirma que o homem materializado não aceita o que vem do Espírito porque só conhece a linguagem da sabedoria humana, enquanto que, as realidades espirituais devem ser expressas em termos espirituais. Em (2:15) faz a seguinte afirmativa: "O homem material não aceita o que vem do Espírito. O espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado".

Esta talvez seja a única referência feita por Paulo em relação ao julgamento realizado pelo ser espiritualizado, isto é, quando já tem, em relação aos seus próprios atos, a capacidade de discernir. Julgamento como cobrança de suas próprias consciências; consciência em relação às responsabilidades assumidas pelos atos praticados, já conscientes dos defeitos, verdadeiros resquícios ou representantes, originários da animalidade.

Confirma no capítulo 3 o que havíamos compreendido em relação ao capítulo anterior, quando reconhece: "Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas somente como a homens carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnis. Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana?" (3:1-3).

Com essas frases duras, tenta chamar os novos discípulos à responsabilidade, despertando-os para modificarem o modo de agir. Afirma não se encontrarem, ainda

eles espiritualizados o bastante para poderem compreender as coisas do espírito e, por essa razão, não poderia transmitir-lhes conhecimento mais avançado, sob a figura do alimento sólido; acrescenta que, como as crianças, só poderiam se alimentar de leite, isto é, estariam iniciando seu aprendizado.

Esclarece ainda que os trabalhadores da seara divina têm cada um a sua responsabilidade, sua tarefa, segundo o que tenha sido programado; cita em (3:7-8) – “Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus que dá o crescimento. Aquele que planta e aquele que rega são iguais entre si; mas cada um receberá seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho”. Deus dá a todos a oportunidade do crescimento, através do serviço que realizam, e a cada um será retribuído segundo suas obras.

Em (3:16-17) faz uma afirmação que nos enche de responsabilidade em relação ao que fazemos com o nosso corpo físico e com o nosso Espírito. “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós”.

Nessa carta, em vários capítulos seguintes, recomenda o combate aos defeitos morais, aconselha os casais, fala dos costumes ligados ao paganismo, das tentações de ordem sexual e faz outras recomendações.

No capítulo 6 aprecia as fraquezas dos homens ao buscar justificativa para os seus deslizes de sua incapacidade de convivência com os seus irmãos devido a manutenção de seus defeitos; ao invés de buscar a libertação de sua consciência pelo reconhecimento dos próprios erros procura o caminho da justificativa hipócrita.

Em (6:9) diz aos fiéis: "Então não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem as pessoas de costumes infames, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus". Encerrando esse capítulo esclarece: "Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito que está em vós e que recebestes de Deus? ...e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?"

Deixa claro que o nosso corpo, é o instrumento que foi cedido ao nosso Espírito, criado por Deus, para ser utilizado durante a vida física; que essa vida deverá

ser aproveitada para nosso aprendizado e aperfeiçoamento; que através do nosso esforço, transformaremos o homem material, animalizado, que existe em nós, em um homem espiritual.

Que essa transformação só poderá ser realizada por nós mesmos e que nas dificuldades e nos obstáculos encontrados, durante a trajetória terrena, é que vamos colher os ensinamentos que necessitamos para a nossa transformação.

Portanto, esse sofrimento, essas dificuldades, só poderão ser aproveitados se soubermos tirar deles o aprendizado; se soubermos aceitá-los sem revolta, com resignação e entendimento. Caso contrário, serão eles inúteis e teremos perdido a oportunidade de aprender. Necessitaremos então começar de novo, até que estejamos em condições de entender a mensagem do Cristo.

Pelo capítulo 7 reforça os conselhos em relação aos laços de família, o casamento, o comportamento sexual, o respeito entre o homem e a mulher, entre os pais e filhos. Ressalta que foi para aprender a se compreenderem que Deus os colocou juntos.

No capítulo 10 recorda a historia do povo hebreu, os erros que cometeram e os sofrimentos

por que passaram. Conclui dizendo que nossa evolução se fará por meio do aprendizado nas dificuldades, no sofrimento, quando imprescindível, mas tudo dentro dos limites da capacidade de nossas forças e com a disponibilidade dos meios necessários para suportá-los e vencê-los (10.13).

No capítulo 11 recomenda a boa ordem nos locais de reunião, nas Ecclesias; da necessidade de manterem a união entre os participantes e de conhecerem os que destoam do conjunto.

Fala da manutenção do costume de dividir o pão e o vinho, que era mantido por Jesus quando se reunia com os apóstolos. De Suas palavras para que fizessem isso em Sua memória. Em memória de Sua participação como encarnado, pois o corpo carnal e o sangue sugerem a presença material e não espiritual. Essa conclusão é confirmada no capítulo 15.

Como sabemos hoje, pelo que consta dos dados contidos nos Manuscritos do Mar Morto, essa era uma das tradições adotadas pelos doze anciãos essênios, que compunham a direção daquela fraternidade. Lembremos ainda a preocupação dos apóstolos em manter o número dos doze, após o afastamento de Judas de Kerioth.

Paulo inicia o capítulo 12 esclarecendo aos gentios que os dons do Espírito, isto é, os dons mediúnicos, podem ser usados por espíritos inferiores ou por espíritos bons. Em suas palavras diz Paulo: "Por isso eu vos declaro que ninguém falando pelo Espírito de Deus, diz: "Anátema seja Jesus!", e ninguém pode dizer: Jesus é Senhor" a não ser no Espírito Santo".

Concluimos que Paulo já entendia o que hoje é claro para nós; que nenhum Espírito superior se referiria ao Mestre dizendo: "Amaldiçoado seja Jesus"; da mesma forma que só um Espírito esclarecido, um santo Espírito, se dirigirá ao Mestre como "Senhor", a não ser que seja um mistificador. Que os Espíritos superiores trarão sempre mensagens de orientação construtiva e de interesse geral, enquanto que, nossos irmãos sofredores só poderão trazer o que possuem, isto é, sofrimento, perturbação, ódio ou más intenções, mesmo que de forma disfarçada, mas que será identificada pela falta de coerência de suas mensagens.

Esclarece, ainda em (12:7), que nas reuniões, Ecclesias, Deus concede, a cada um, dons

espirituais os mais diversos, sendo, no entanto, os tipos de mediunidade, que denomina de "carismas", sempre uma manifestação em proveito de todos.

Assim classifica os "carismas":

- A profecia (não é o que passou a ser entendido como adivinhação e que era recebida na Antiguidade pelas pitonisas), a manifestação da sabedoria, da ciência, provavelmente indicando a manifestação psicofônica de Espíritos dotados de uma certa evolução;

- O discernimento dos Espíritos e o dom de interpretar os que falam em línguas, ligados, provavelmente, à intuição;

- Falar em línguas, se referindo à xenoglossia;

- Os milagres e a cura como mediunidade de efeitos físicos (12:8-10).

Da utilização do termo "carismas", utilizado por Paulo, teve origem a denominação da seita católica dos Carismáticos, que admitem o que seria equivalente à "prática mediúnica" durante as missas.

Da mesma forma, entre algumas seitas Protestantes é utilizada, durante o culto, a prática mediúnica como método de tentar afastar os Espíritos inferiores (sessões de descarrego).

Ressalta também o capítulo 12 que, nas Ecclesias, cada qual tem sua atividade, como os apóstolos, os profetas, os doutores ou dirigentes, os responsáveis pelo milagre da cura dos que estão na assistência, os que falam em línguas, os que as interpretam e os administradores (12:28-30).

No entanto, no capítulo 13, Paulo deixa claro que todos os dons, mediúnicos, que possamos possuir, que toda fé que tenhamos, serão inúteis se não possuímos as virtudes que só podemos obter por meio de nossa reforma interior.

Nesse maravilhoso Hino à Caridade, diz entre outras coisas:

“.....

Ainda que tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência,
ainda que tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse a caridade nada seria.

Ainda que distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
meu corpo às chamas,
se não tivesse caridade,
isso nada me adiantaria.
A caridade é paciente,
a caridade é prestativa,

não é invejosa, não se ostenta,
 não se incha de orgulho.
 Nada faz de inconveniente,
 não procura o seu próprio interesse,
 não se irrita não guarda rancor.
 não se alegra com a injustiça,
 mas se regozija com a verdade.
 Tudo desculpa, tudo crê,
 tudo espera, tudo suporta.

.....
 Agora, portanto, permanecem fé,
 esperança, caridade,
 essas três coisas.

A maior delas, porém, é a caridade”.

Depois de recitar esse hino à caridade, no capítulo 14 Paulo volta ao assunto da mediunidade, falando da importância das “profecias”, psicofonia e dos inconvenientes da “fala em línguas”, xenoglossia, que não seria entendida pelos ouvintes. Esclarece que aquele que profetiza “edifica, exalta, consola” (14:3), enquanto que o que fala em línguas não será útil por não levar “nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento” (14:6). Recomenda que na análise das comunicações espirituais, “sejamos crianças quanto à malícia, mas adultos quanto ao entendimento” (14:20).

Em uma verdadeira aula de intercâmbio mediúnico, Paulo explica sobre os carismas e sobre

as regras práticas a serem adotadas em uma reunião. Apreciaremos esse texto analisando-o, trecho por trecho, segundo os aspectos técnicos por ele apresentados.

“Que fazer, pois, irmãos? Quando estais reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, preferir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou interpretá-las: mas que tudo se faça para a edificação!” Se há quem fale em línguas, falem dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. Se não há intérprete, cale-se o irmão na assembléia; fale a si mesmo e a Deus. Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem. Se alguém que esteja sentado, recebe uma revelação, cale-se o primeiro. Vós todos podeis profetizar, mas cada um a seu turno, para que todos sejam instruídos e encorajados. Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz” (14:26-33).

Analisando esse texto, trecho por trecho, segundo os aspectos técnicos por ele apreciados, podemos observar a preocupação de permitir a manifestação mediúnica nas suas mais variadas formas, desde que contenham, essas manifestações, o interesse construtivo,

edificante. Que não devem, portanto, acontecer aquelas que não serão compreendidas e que não terão utilidade para todos.

Insiste que as manifestações se realizem em ordem com o objetivo de que todos sejam "instruídos e encorajados". Que os médiuns mantenham o total controle em relação ao envolvimento e a manifestação dos Espíritos. Que os trabalhos sejam realizados em ordem e em paz.

Conclui, em (14:39), com essas palavras: "Por conseguinte, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas. Mas tudo se faça com decoro e com ordem".

No capítulo 15 entra em um assunto bastante importante, qual seja, o da "ressurreição dos mortos". Inicia analisando a ressurreição do Cristo, constatada pela aparição aos apóstolos e a ele mesmo; conclui que não haveria nenhuma validade nas mensagens do Cristo se não houvesse vida após a morte, alegando: "Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos". Fica claro o entendimento de que a ressurreição é entendida como o renascimento para a vida espiritual, para a verdadeira vida.

Em seguida esclarece a uma possível pergunta (15:35): como ressuscitariam os mortos? Com que corpos voltariam?

Essa explicação é dada mostrando que aquilo que é semeado só pode readquirir vida, renascer para a vida eterna se morrer para a vida material. Que Deus dá a cada semente o corpo que lhe é próprio. Que existem corpos celestes ou espirituais e corpos terrestres ou materiais.

Declara: "O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível", nascido corpo material, "o corpo ressuscita incorruptível", renasce corpo espiritual; ou em outras palavras, "semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo material, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo material, há também um corpo espiritual".

O Espírito encarna no corpo material e renasce, ressuscita para a vida espiritual, com seu corpo espiritual, seu Perispírito.

Falando sobre a evolução, por meio da reencarnação, Paulo nos dá uma série de esclarecimentos nesse capítulo. Inicia comparando

Adão como o homem mais ligado à matéria, no início de sua evolução, com o Adão no final da escala evolutiva e já espiritualizado. "Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é material; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu" (15:45-47).

Afirma: "Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade" (15:50).

É clara a visão de Paulo de que a materialidade inferior, representada pela "carne e o sangue", pelo ser encarnado, não podem atingir os Planos Espirituais Superiores, nem a materialidade herdar a espiritualidade. Não é lógico, e portanto, não é admissível supor a nossa evolução sem nos desprendermos totalmente dos interesses materiais, da mesma maneira que não seria viável a "ressurreição da carne".

Para complementar esse assunto, dá ênfase ao seguinte: "Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de

olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis e nós seremos transformados”.

Entende-se pela revelação desse “mistério”, que em um momento não mais será necessário renascer na carne, encarnar, mas que todos deverão se transformar. Que em um abrir e fechar de olhos passamos do Plano Material para o Plano Espiritual. Os seres perdendo seu corpo material, corruptível, passam a dispor somente de seu corpo espiritual, incorruptível.

E acrescenta: “Com efeito, é necessário que esse ser corruptível revista a incorruptibilidade e que esse ser mortal revista a imortalidade”. Está clara, a afirmação da necessidade do ser material, do ser encarnado, cheio de defeitos, revestir-se da incorruptibilidade, transformar-se, livrar-se dos vícios e defeitos, espiritualizar-se na imortalidade (15:53).

Entende-se o alcance das palavras de Paulo, deixando claro, não a ressurreição da carne, do ser corruptível, mas, ao contrário, a afirmação de que a carne e o sangue não fazem parte do Reino de Deus

e que o ser espiritual só nele ingressará após ter-se transformado.

Da mesma forma, não nos permite entender que o Mestre Jesus teria dado qualquer importância ao Seu corpo e sangue, como é interpretado e utilizado em liturgias.

Encerrando essa carta, antes de se despedir, Paulo faz recomendações quanto ao sistema de "coleta em favor dos santos", isto é, dos recursos a serem enviados em ajuda aos cristãos de Jerusalém e avisa que os visitará após percorrer a Macedônia.

Em seguida, como que autenticando a epístola, afirma: "A saudação é de meu próprio punho: Paulo." (16:21)

Ao final de sua estada em Éfeso, houve grande confusão resultante da reação dos artesãos que fabricavam imagens de deuses pagãos, em prata, e que se haviam sentido prejudicados pela redução de seu trabalho, em consequência das pregações de Paulo e seus acompanhantes. O Apóstolo dali se afastou seguindo para a Macedônia, passando pela Grécia, onde permaneceu por cerca de três meses. Decidiu então retornar à Síria passando pela Macedônia.

Epístola II aos Coríntios

Consta que a segunda Epístola aos Coríntios foi redigida por ocasião da passagem de Paulo pela Macedônia, provavelmente durante a primavera e verão de 55. No entanto, supõe-se que seria ela a compilação de cerca de cinco cartas enviadas em épocas diferentes.

A carta é escrita em seu nome e no de Timóteo, a quem chama de irmão na igreja de Deus, e é dirigida "a todos os santos que se encontram na Acáia inteira".

Fala das dificuldades e perigos por que passaram e agradece as preces. Fala da mudança nos planos de viagem e do cancelamento de sua passagem por Corinto. Fala de sua tarefa como divulgador da palavra de Cristo, não por sua capacidade própria, mas por concessão de Deus. Diz então a frase que se tornou conhecida: "Foi ele que nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida" (3:6).

Nesse texto Paulo anuncia que a mensagem do Cristo era uma nova Aliança. Que a Aliança anunciada por Moisés, no Antigo Testamento, teria

sido transitória e estaria superada. Que a Aliança Mosaica é regida pela letra da Lei, que é material; que a Nova Aliança é regida pelo Espírito e acrescenta: "Pois o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (3:17); Deus nos dá a liberdade de decisão pelo nosso Livre Arbítrio e a responsabilidade pelos atos praticados.

Falando das dificuldades na realização de sua tarefa chama a atenção para o que é o importante, isto é, para a transformação interior que devemos realizar em nós mesmos; não nos preocupando com o que é material, mas sim, com o que é espiritual. Diz isso quando afirma: "Por isso não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia" (4:16). Sintetiza isso nesta afirmação: "Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno" (4:18).

Segundo a Lei Universal da Relatividade, tudo o que evolui, que é mutável, que é material, é relativo e tudo o que escapa aos nossos sentidos físicos, que não é material, que é essência espiritual do Criador, é absoluto.

No capítulo 5 fala, com clareza, que nossa verdadeira morada é a espiritual; “sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão” e que retornaremos a ela “a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante sua vida no corpo, seja para o bem, seja para mal” (5:10).

No capítulo 7 e em outras oportunidades, Paulo expressa o pensamento que ainda o identifica com sua origem judaica, formada, como não poderia deixar de ser, nos textos da Lei Mosaica. Afirma em (7:1): “... purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito. E levemos a termo a nossa santificação no temor de Deus”. Permanece apresentando a necessidade da reforma íntima, não como uma necessidade essencial para a evolução, mas necessária pelo temor da vingança divina. Dirigia-se a quem não havia ainda absorvido os ensinamentos de Jesus, que em Sua Revelação nos havia apresentado um Deus de amor, paciência e compreensão.

Nos capítulos seguintes fala ainda de sua tarefa, da arrecadação de recursos para os santos de Jerusalém e de si mesmo.

Encerrando, ressalta suas apreensões quanto ao comportamento dos fiéis, reitera os conselhos voltados para a busca da correção dos maus hábitos

pelo aprimoramento moral. Declarando: “Tenho receio de que haja entre vós discórdia, inveja, animosidades, rivalidades, maledicências, falsas acusações, arrogância, desordens” (12:20).

Epístola aos Gálatas

Esta Epístola deve ter sido escrita de Éfeso ou da Macedônia, entre os anos 54 e 55.

Paulo, sabedor de que judeus cristãos afirmavam aos fiéis da Galácia que não poderiam se salvar, a não ser que fossem circuncidados, reage com veemência contra a tentativa de imposição da Lei Mosaica aos gentios.

No primeiro e segundo capítulos da carta, faz um retrospecto de sua vida relatando suas ações como doutor da Lei, inicialmente combatendo o Cristianismo, e depois como Apóstolo do Cristo.

Lembra a reunião que tivera com os outros Apóstolos, que reconheceram nele a autoridade e o apoio espiritual necessários para a execução de sua tarefa junto aos gentios. Com uma certa agressividade nas palavras, assim se expressou: “E por parte dos que eram tidos como notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa; Deus não

faz acepção de pessoas – de qualquer forma, os notáveis nada me acrescentaram. Pelo contrário, vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos – pois aquele que operava em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios” (2:6-8).

Fala das decisões tomadas em Jerusalém, da divisão de tarefas; “nós pregaríamos aos gentios e eles aos da Circuncisão” (2:9). Por essa divisão de trabalho ficara definido que Paulo não iria pregar aos judeus da Palestina, designados como “os da Circuncisão”, mas aos gentios e, se fosse o caso, aos judeus da Diáspora, isto é, aqueles que habitassem em outros países.

Lembra ainda Paulo ter sido obrigado a censurar a Pedro por estar ele temeroso de ser visto em companhia de gentios. Repreendeu-o, publicamente, nos seguintes termos: “se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus” (2:14).

Dirigindo-se aos judeus, com ironia, Paulo diz que apesar de ser judeu de nascimento, sabe não poder esperar ser justificado pela Lei Mosaica, mas sim, pela fé em Jesus Cristo, “porque pela obras da Lei ninguém será justificado” (2:15-16). Que mais vale a fé no Cristo que as obras dessa Lei. Declara

então não ser ele que vive em Cristo, mas Cristo que vive nele. Declara, ainda: "se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão" (2:21). Deixa a entender que não pode esperar a justiça divina através do que se encontra contido na Lei Mosaica; caso fosse válida essa Lei, Jesus teria morrido em vão, porque não seriam válidos os Seus ensinamentos.

Apesar da total clareza do que está contido em 2:15-21, o Antigo Testamento, que nada mais é do que a Lei Mosaica, continua a ser considerado pelas religiões de origem romana como sendo a expressão da palavra divina, e, portanto, escritura utilizada como orientadora do Cristianismo. Isso foge ao nosso entendimento, pois os ensinamentos do Mestre nos apresentam o cenário espiritual de uma outra realidade.

Poderíamos aceitar os termos gerais do Antigo Testamento como orientação superior utilizada para uma determinada época e um determinado estágio evolutivo. Elemento de preparação para uma nova revelação, mas não equivalente, em conteúdo, às grandes mensagens do Cristo que são adequadas para qualquer tempo e qualquer nível de consciência moral.

Continuando, questiona os gálatas, a quem dirige a seguinte pergunta: "Só isso quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela adesão à fé? Sois tão insensatos que, tendo começado com o Espírito, agora acabais na carne?" Questiona se haviam realmente aderido à fé na doutrina do Cristo, que espiritualiza, ou se permaneciam ligados à Lei de cunho material? (3:2-5).

Nessas palavras Paulo deixa clara a distinção entre a Lei e a mensagem do Mestre. Deixa claro que aquele que crê nos ensinamentos de Jesus não pode mais se conduzir pelo conteúdo da Lei Mosaica. Não nos esqueçamos que, segundo a Lei, Jesus seria considerado amaldiçoado por Deus, por ter sido suspenso em um madeiro em decorrência da prática de crime, segundo o Sinédrio, o tribunal judeu (Deuteronômio 21:23).

Entende, o Apóstolo que antes de conhecer a doutrina cristã, os homens eram tutelados pela Lei. Com o advento da fé nos ensinamentos do Mestre, todos passaram a ser filhos de Deus. "Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós são um só em Cristo Jesus" (3:23-28).

Considera Paulo que aqueles que se encontram aprisionados à Lei, na condição de escravos, serão libertados pela fé em Cristo, e que, segundo a Lei, o escravo liberto passa à condição de filho, com direito a herança.

Pede aos gálatas que não passem a adotar a orientação dos judeus, quanto a circuncisão, o que seria o mesmo que se privarem da liberdade que teria sido concedida pelo Cristo.

Pede, ainda: "Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros. Pois toda a Lei está contida numa só palavra: Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (5:13-14).

Reforça também as recomendações quanto a maneira de se conduzir, não pelos desejos e defeitos da carne, que indica quais sejam, mas sim, pelos "frutos do Espírito", virtudes que passa a enumerar (5:16-26).

No capítulo 6, antes de se despedir, pronuncia importantes ensinamentos voltados para a nossa reforma íntima, concluindo com uma importante afirmativa: "Não vos iludais; de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso colherá: quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna.

Não desanimemos na prática do bem, pois, se não desfalecermos, a seu tempo colheremos”.

No epílogo, ressalta: “Vede com que letras grandes vos escrevo, de próprio punho.” (6:11)

Continuando sua terceira viagem, Paulo seguiu de Éfeso em direção à Macedônia chegando a Acáia e depois à Grécia onde passou cerca de três meses. Em Corinto, provavelmente entre os anos 55 e 56, antes de iniciar o retorno a Jerusalém, Paulo teria escrito sua Epístola aos Romanos.

Epístola aos Romanos

Esta Epístola guarda uma relação muito estreita àquela que foi escrita aos Gálatas. Aborda temas semelhantes de forma semelhante, confirmando a doutrina de Paulo.

Inicia afirmando ter recebido de Jesus a missão de pregar o Evangelho do Cristo a todas as nações e pede a Deus a oportunidade de visitar os cristãos de Roma, levando a eles a palavra do Mestre.

Ressalta os valores do Evangelho para todas as raças. Dos defeitos e vícios do homem que ao

invés de os aproximar do Criador, dEle os afasta, como conseqüência de seus atos. Enumera os defeitos a que o homem se escravizou afirmando que por essa razão passou ele a ser digno da morte. Que deverá o homem aprender por meio de sucessivas experiências adquiridas durante a vida material.

Esclarece que todos serão julgados e que Deus "retribuirá a cada um segundo suas obras: a vida eterna para aqueles que pela constância no bem visam à glória, à honra e à incorruptibilidade; a ira e a indignação para os egoístas, rebeldes à verdade e submissos à injustiça. Tribulação e angústia para toda pessoa que pratica o mal, para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego; glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar, mas também para o grego. Porque Deus não faz acepção de pessoas" (2:6-11).

Essas palavras de Paulo demonstram que o homem enquanto escravizado e preso aos prazeres materiais estará dependente da morte; que, nessas condições, só poderá conquistar a vida eterna, não mais necessitando repetir as experiências, quando por meio do necessário aprendizado, realizado na escola da vida material, vier a se

espiritualizar; porque, sem a necessária expiação dos erros cometidos, não conseguirá o homem evoluir e conquistar pelos seus próprios méritos a constância no bem. Diz ainda que, por isso, deverão passar todos os filhos de Deus, porque Deus é justo e não discrimina seus filhos, privilegiando a quem quer que seja.

Faz ainda uma importante afirmação quando esclarece: "Todos aqueles que pecaram sem Lei, sem Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com Lei, pela Lei serão julgados. Porque não são os que ouvem a Lei que são justos perante Deus, mas os que cumprem a Lei é que serão justificados" (2:12-13).

Daí depreende-se que, aqueles que desconhecem o bem, que ainda não conseguem discernir entre o certo e o errado, deverão eles sofrer as experiências necessárias para que venham a aprender, a evoluir, eliminando com o tempo seus vícios e defeitos. No entanto, aqueles que já dispõem do conhecimento necessário para diferenciar o certo do errado, a estes será cobrado, não o conhecimento, mas a aplicação, o cumprimento da Lei.

Deixa explícita a referência de que é necessário colocarmos em prática o que

nos foi ensinado pelo Mestre e isso, nós sabemos, só poderemos conseguir através de nossa transformação moral. Por essa razão é feita a afirmação: "A quem muito é dado muito será pedido".

Complementando esses pensamentos, em relação ao julgamento dos atos dos homens, mostra que todos são cheios de defeitos, reproduzindo vários salmos e palavras do profeta Isaías. E diz mais: "Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, é para os que estão sob a Lei que o diz, a fim de que toda boca se cale e o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus, porque diante dele ninguém será justificado pelas obras da Lei, pois da Lei vem só o conhecimento do pecado" (3:19-20).

Reitera que a Lei só tem representatividade para os que a conhecem, e que ninguém será perdoado pelo conhecimento da Lei, que denomina, obras da Lei, porque por essa obra são somente indicados os pecados e não é praticada sua correção. A sua correção depende do esforço do homem.

Dando continuidade ao esclarecimento de que os gentios poderiam também ser cristãos, mesmo sem ter o conhecimento da Lei Judaica, Paulo continua a afirmar que o importante é crer no Cristo e em seus ensinamentos. Afirma que: "a justiça de

Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que crêem – pois não há diferença, visto que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus” (3:22-24). Que não há diferença entre os homens, pois todos erram e que todos poderão ser perdoados, sem qualquer condição, gratuitamente, desde que venham a se redimir, isto é pagar, expiar, reparar os erros praticados.

A “justificação gratuita” não é a “graça distribuída aos predestinados”, aos sem merecimento, mas sim, a “redenção realizada pelo Cristo”, isto é, redenção, que quer dizer, liberação, “realizada pelo Cristo” através da revelação que nos fez, dos ensinamentos que nos transmitiu; eles, por sua vez, só terão validade para nós, se viermos a colocá-los em prática, se os adotarmos no exercício de nosso livre-arbítrio, por meio de nossa reforma íntima.

Por essa razão, indica a necessidade do homem ter fé, para através da fé realizar o necessário para transformar os defeitos em virtudes, segundo os ensinamentos do Mestre Jesus.

Convém aqui lembrarmos as palavras de Jesus, ao falar sobre o pecado, diante da pergunta de Pedro: "O que é o pecado no mundo? O Mestre diz: Não há pecado. Sois vós que fazeis existir o pecado quando agis conforme os hábitos de vossa natureza adúltera: aí está o pecado. Eis porque o bem veio entre vós; ele participou dos elementos de vossa natureza a fim de reuni-la nas suas raízes. Ele continuou e disse: Eis porque estais doentes e porque morreis: é a conseqüência de vossos atos: vós fazeis o que vos afasta... Quem puder compreenda" ¹⁰.

O pecado, os nossos vícios e defeitos, os crimes que praticamos contra nós mesmos e contra o nosso próximo, nada mais é do que a nossa ignorância. Ainda não estamos suficientemente evoluídos para compreender qual é a maneira correta de agirmos. Ainda não nos libertamos o suficiente para colocarmos em prática os ensinamentos de Jesus. Ainda somos animalizados e não, espiritualizados. Ainda precisamos morrer mais vezes, como disse o Mestre, respondendo a Pedro, tendo de enfrentar mais encarnações de aprendizado nesta nossa querida Terra.

¹⁰ Evangelho de Maria Madalena, página 7.

No capítulo 4 tece comparações com o texto do Antigo Testamento, e demonstra que o homem enquanto ligado aos seus defeitos se encontra escravizado por eles, ligado à matéria e em consequência à morte. Que somente ao se transformar é que poderá se libertar, evoluindo para a vida eterna, sem mais necessidade da vida material, sem mais necessidade de morrer.

Afirma que com a fé, a confiança, em Jesus e em seus ensinamentos, passamos a ter condições de buscar a nossa transformação moral, corrigindo nossas atitudes quando passamos pelas dificuldades da vida e, com as quais, poderemos aprender e reparar as nossas culpas. “Vejam : “E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança” (5:3-4).

Em relação ao mesmo tema diz ainda: “Quando éreis escravo do pecado, estáveis livres em relação à justiça. E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais? Pois seu desfecho é a morte. Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes vosso fruto para a santificação e, como desfecho, a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, e a graça de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus,

nosso Senhor” (6:20-23). Enquanto ignorantes não temos responsabilidade, mas devemos passar pelas experiências materiais com o objetivo de adquirirmos conhecimento. Quando, pelo nosso esforço, estivermos espiritualizados, santificados, então não mais deveremos sofrer as vicissitudes materiais.

É claro quando nos relata: “Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito”. “Pois se viverdes segundo a carne, morrereis, mas se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis” (8:12-13).

Afirma que todos são conduzidos pela vontade de Deus e são seus filhos. Que o sofrimento é que nos conduzirá à glória da perfeição. Que a criação foi submetida aos defeitos para poder libertar-se da escravidão da corrupção e conquistar a liberdade.

Sob o título “O plano da salvação”, afirma que Deus ajuda a todas as Suas criaturas. Analisemos essas afirmações frase a frase:

-“Porque os que de antemão conheceu”; como Criador reconhece a todos os Seus filhos, criados simples e ignorantes¹¹;

¹¹ Allan Kardec. Livro dos Espíritos, questão nº 121.

-“esses também destinou a serem conformes à imagem do seu Filho”; a todos destinou a serem dotados com as mesmas características latentes necessárias à sua evolução, ou melhor, dispondo das condições e tendências que deverão ser desenvolvidas moral e intelectualmente;

-“afim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos”; como que constituídos para atingir, pelo próprio esforço, a mesma evolução alcançada pelo Seu filho Jesus que será considerado como o primogênito, isto é, mais velho entre os irmãos;

-“E os que destinou, também os chamou”; chamou, não pela destinação que elege uns em detrimento dos outros, injusta, discriminatória, mas, dotando a todos das mesmas oportunidades, dos mesmos atributos que lhes haviam sido concedidos em estado latente;

- “e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou”. Coerentemente com o progresso realizado, os justificou, isto é, reabilitou em função de sua evolução e os glorificará, pelos seus próprios méritos, ao atingirem a perfeição (8:28-30).

-E conclui: “Depois disto, que nos resta dizer? Se Deus está conosco, quem estará contra nós?” (8:31); não afirma que Deus está somente com alguns eleitos, mas que está com todos e que,

por isso, nada poderá nos impedir de alcançarmos o objetivo que é comum a todos os que se esforçam em se aproximar do Pai.

No capítulo 11 tece comentários sobre as condições do povo de Israel, seu povo, e as dos gentios convertidos à fé. Como em uma parábola compara-os às oliveiras silvestres e às cultivadas. Lembra que alguns dos ramos poderão ser cortados e outros enxertados nas oliveiras silvestres, para que elas se beneficiem com eles. Uns foram cortados pela incredulidade. Foram enxertados outros para que recebam a fé. Que pela bondade de Deus caíram os ramos defeituosos, dando outra oportunidade pelo enxerto de ramos bons, que poderão disseminar a bondade, salvando a oliveira. Que Deus não poupou os ramos naturais e que também não poupará a oliveira se ela não se transformar.

Volta, no capítulo 12, a exortar os crentes a não se conformarem com a situação de vida neste mundo e a se transformarem, renovando as mentes para o que é bom, para o que é perfeito.

Diz ainda: "Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes: não vos deis ares de sábios. A ninguém

pagueis o mal com o mal; seja a vossa preocupação fazer o que é bom para todos os homens, procurando, se possível, viver em paz com todos, por quanto de vos depende" (12:14-18).

Repetindo os ensinamentos do Mestre, diz: "Daí a cada um o que é devido: o imposto a quem é devido; a taxa a quem é devida; a reverência a quem é devida; a honra a quem é devida". "Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama o outro cumpriu a Lei. De fato, os preceitos: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e todos os outros se resumem nesta sentença: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (13:7-9).

Continuando a aconselhar os fiéis, diz que é hora de "deixarmos as obras das trevas e vestirmos a armadura da luz". Que devemos respeitar a maneira de ser de nossos irmãos, porque cada um deve agir como pensa e assim responderá pelos seus atos. Afirma: "Assim cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio. Deixemos, portanto, de nos julgar uns aos outros; cuidai antes de não colocar tropeço ou escândalo diante de vosso irmão" (14:12-13). Refere-se, neste ponto à afirmação de Jesus quando esclarece: "É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem!" - Mateus (18:7).

Com muita sensibilidade e inteligência espiritual, Paulo escreve as seguintes palavras de ensinamento: "Tudo o que se escreveu no passado é para o nosso ensinamento que foi escrito, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos esperança. O Deus da perseverança e da consolação vos conceda terdes os mesmos sentimentos uns para com os outros, a exemplo de Cristo Jesus, a fim de que, de um só coração e de uma só voz, glorifiquemos o Deus e pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para a glória de Deus" (15:4-7).

Encerrando, fala de seu projeto de viagem em que levaria o fruto da coleta dos irmãos em benefício dos "santos de Jerusalém", prometendo seguir depois para Roma antes de ir à Espanha. Faz então recomendações e saudações.

Dentre as saudações refere-se a Hermas, autor do *Livro do Pastor*, que até o século V era lido nas Ecclesias.

Desse livro retiramos o trecho que contém recomendações em relação aos espíritos que se manifestam durante os trabalhos mediúnicos, e que, em seu conteúdo, permanecem válidas: "O Espírito que

vem da parte de Deus, é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque o Espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite. Quando, pois, um homem que tem um Espírito de Deus vem à assembléia dos fiéis, desde que se fez a prece, o Espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembléia como Deus o quer. Reconhece-se ao contrário, o Espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim”.

Seguindo viagem, partiu de Filipos, por mar, chegando a Trôade e a Mileto onde se encontrou com os anciãos de Éfeso para suas despedidas, pois acreditava não mais vê-los, entendendo que passaria, daí por diante, dias muito difíceis.

Após sua chegada a Tiro na Fenícia e a Cesaréia, seguiu Paulo para Jerusalém, mesmo após

varias manifestações mediúnicas informando dos perigos que iria correr naquela cidade.

Em Jerusalém encontrou-se com Tiago, irmão de Jesus, e com os anciãos. Foi ao templo e como os judeus se amotinassem ao vê-lo e ouvi-lo falar de Jesus, foi preso pelos romanos. Após ser autorizado a falar ao povo, como os judeus quisessem matá-lo, e argüísse ele sua condição de cidadão romano, foi conduzido para Cesaréia. Foi ouvido pelo governador romano que o manteve preso até que pudesse expor sua situação ao tribuno que iria chegar. Esse, por sua vez, o manteve preso por dois anos até a chegada de seu sucessor. Face aos pedidos dos sacerdotes judeus ao novo tribuno, Paulo apelou para César.

Viagem de Paulo a Roma.

(Mapa – figura 4)

Supõe-se que teria escrito aos Filipenses, Efésios, Colossenses e a Filemon, durante o período em que esteve preso em Cesaréia, e posteriormente em Roma, sem que, no entanto, pudesse ser identificada, com precisão, qual teria sido a cidade de origem.

Conduzido a Roma, com outros prisioneiros, seu navio naufragou na chegada à ilha de Malta. Só três meses após o naufrágio, Paulo e seus companheiros de viagem, alcançaram a cidade de Roma aonde foi recolhido a uma residência. Nela permaneceu, por mais de dois anos, sob vigilância.

Epístola aos Filipenses

Esta epístola é considerada, por alguns historiadores, como sendo a reunião de três cartas.

Paulo inicia falando também em nome de Timóteo, e se dirige, "a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com seus episcopos e diáconos" (1:1).

Figura 4

Os "episcopos" não eram ainda os bispos, integrantes da estrutura hierárquica da Igreja Romana, mas sim os anciãos que não eram dirigentes, mas servidores das Ecclesias, auxiliados pelos diáconos. Eram pessoas escolhidas pelos freqüentadores das Casas que Paulo havia disseminado em suas viagens e que eram semelhantes à Casa do Caminho, a primeira que fora implantada, pelos apóstolos, na estrada para Jope, próximo a Jerusalém¹².

Nessa época, do Cristianismo Primitivo, não havia sido ainda criada a hierarquia sacerdotal que viria a alterar todo o princípio deixado pelo Cristo quando combatia a estrutura de poder religioso e afirmava que "o maior deve se tornar como o último".

Depois de recordar que não se esquece dos irmãos, fala de sua situação e da necessidade de todos enfrentarem as dificuldades em nome da fé. Insiste na união pelo amor fraterno, na humildade, no desprendimento e na solidariedade para com o próximo: "leveí à plenitude minha alegria, pondo-

¹²Francisco Cândido Xavier. Paulo e Estevão e Ismael Armond. O Cristianismo Primitivo, pg 44.

vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros" (2:2-4).

Recomenda a perseverança nas dificuldades, com as seguintes palavras: "Fazei tudo sem murmurações nem reclamações, para vos tornardes irreprováveis e puros, filhos de Deus, sem defeito, no meio de uma geração má e perversa, no seio da qual brilhais como astros do mundo, mensageiros da Palavra de vida" (2: 14-16). Como pode ser facilmente percebido, as recomendações, passadas há quase dois mil anos, ainda são válidas e importantes para as nossas atuais Casas do Caminho.

Esclarece que envia a carta por seu discípulo Epafrodito, que retorna após ter estado muito doente, e que depois enviará Timóteo.

No capítulo 3º reafirma a importância de servir a Deus em Espírito e não pela carne. Recordar-se de sua origem, quando era ligado à carne, como "hebreu filho de hebreus", fariseu segundo a Lei; quanto ao zelo na defesa da Lei, perseguidor dos cristãos; ligado quanto a justiça à Lei Mosaica, portanto, irrepreensível. Que, no entanto, aquilo que no passado considerara como

lucro, reconhecia agora como perda. Que a justiça que vem da Lei, a considera agora como "esterco", diante do conhecimento encontrado no Cristo (3:3-11).

Encerrando, recorda seus ensinamentos anteriores: "Finalmente, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor. O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em mim, isso praticai" (4:8-9).

Ao terminar, agradece a ajuda material enviada que teria amenizado suas necessidades.

As Epístolas aos Colossenses, aos Efésios e a Filemon, devem ter sido escritas, nessa ordem, entre os anos 61 e 63.

Epístola aos Colossenses

Inicia essa carta se dirigindo, em seu nome e no de Timóteo, aos santos que estão em Colossas e por quem ora.

Lembra que os ensinamentos deixados pelo Cristo, na Palavra da Verdade, consubstanciada no

Evangelho, deram origem à nova doutrina, que poderia ser considerada como Seu Corpo e que tem nEle a Cabeça.

Adverte para que não sejam escravizados por “vãs e enganosas filosofias” de caráter material, “segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo” (2:8).

Insiste para que abandonem a vida e os costumes ligados à matéria, “que não tem valor algum senão para satisfação da carne” (2:23). “Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra” (3:2). Relembrando a importância dos ensinamentos do Mestre, exorta os fiéis a buscar a transformação de seu íntimo, a corrigir os defeitos, a, em suma, evoluir. Suas palavras, nesse momento, são tão claras que dispensam qualquer interpretação. Diz ele: “Mas agora abandonai tudo isso: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente. Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador” (3:8-10). Mostra que não mais existem diferenças de raça, cultura ou classe social, mas sim, que importa somente transformar o homem velho no novo, que dispõe de um novo conhecimento, de um novo mundo, de uma nova vida. “Aí não há mais grego e judeu,

circunciso e incircunciso, bárbaro, cita¹³, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos.

Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longaminidade¹⁴, suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos mutuamente” (3:11-13).

Complementa esses preceitos de boa conduta com orientações de moral doméstica e social, lembrando que: “Quem faz injustiça receberá de volta a injustiça, e nisso não há aceção de pessoas” (3:25); E ainda: “Senhores, dai aos vossos servos o justo e eqüitativo, sabendo que vós tendes um Senhor no céu” (4:1).

Antes de encerrar, com as recomendações de costume, enfatiza a necessidade da vigilância e da prece.

Ao encerrar, afirma: “A saudação eu, Paulo, a faço de meu próprio punho.” (4:18)

Epístola aos Efésios

¹³ Povo nômade indo-iraniano

¹⁴ Firmeza de ânimo ou generosidade

Inicia esta carta falando aos cristãos, aos santos de Éfeso, sobre a trajetória do ser. Inicia bendizendo o Pai que nos criou, antes mesmo da criação do mundo, para sermos santos, perfeitos, puros, "irrepreensíveis diante do amor". Que nos criou, derramando sobre nós, todas as condições e capacidade necessária para podermos alcançar, com o passar do tempo, o conhecimento das coisas materiais e espirituais. Que tendo acreditado no Evangelho e nos exemplos do Mestre Jesus, conquistarão também a evolução, que considera como sendo a salvação (13-14).

Que sabendo ele, Paulo, da fé desses irmãos no Cristo, por eles ora ao Pai, pedindo que lhes dê o espírito de sabedoria e de revelação para poderem realmente conhecê-Lo (1:15-17).

Que estavam todos "mortos", imersos nas imperfeições. Que viviam segundo os interesses materiais, mas que, por termos todos sido criados com as sementes do bem, com a tendência para o que é bom, mesmo que em estado latente, pudemos desenvolver essa tendência, absorvendo a mensagem do Mestre. Diz com essas palavras: "Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes, preparara para que nela andássemos" (2:1-10).

Esclarece que Jesus, por meio de suas mensagens de fraternidade reuniu os povos, os

judeus e os gentios, "tendo derrubado o muro de separação". Criando "um só Homem Novo" eliminou a inimizade e, por meio dEle, todos, "num só Espírito, temos acesso ao Pai". Complementa dizendo: "Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios¹⁵, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus", partes do mesmo edifício do Espírito de Deus (2:11-22).

No capítulo 3º, Paulo diz ter sido nomeado ministro do Evangelho de Cristo, apesar de ser o menor de todos os santos, para anunciar que "os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo Corpo e co-participantes"; são também filhos de Deus, possuidores dos mesmos direitos e obrigações, segundo a Lei do Amor anunciada por Jesus. Que a ele, Paulo, foi dado a conhecer, mediunicamente, por revelação, o mistério que acabara de expor sumariamente e que havia sido mantido em sigilo para as gerações do passado, sendo anunciado com a vinda do Cristo.

Por essa razão, diz ele pedir ao Pai que sejam os gentios fortalecidos pelo Espírito de Deus para que o Cristo possa habitar, pela fé, os seus corações.

No capítulo 4º conclama a todos a se conduzirem segundo as virtudes da humildade e mansidão, suportando-se uns aos outros com amor.

¹⁵ Inesperados.

Esclarecendo que a todos foi dada a oportunidade de encarnarmos e desencarnarmos nas mais variadas condições, para nos aperfeiçoarmos, "até que alcancemos, todos nós, a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito".

Recomenda que não mais "andeis como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, alienados da vida de Deus pela ignorância e pela dureza dos seus corações". E mais: "fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade".

Parece que já ouvimos várias vezes essa mesma frase. Realmente esta não é a primeira vez que a ouvimos. Transformação moral. Reforma íntima. Substituir o Homem Animal pelo Homem Espiritual. Quão pouco até agora conseguimos; no entanto, esses ensinamentos já haviam sido entendidos pelo Apóstolo dos Gentios. Há quase dois mil anos, foram eles retransmitidos aos pagãos, recém convertidos, enquanto nós

mesmos, até agora, ainda lutamos para colocá-los em prática.

Continuando, em sua carta, Paulo reforça as instruções: Abandonai a mentira e falai a verdade a seu próximo. O que furtava não furtar mais, mas, ao contrário, trabalhe com suas próprias mãos, partilhando o que tenha com os que necessitam. Somente saiam de seus lábios as palavras construtivas e oportunas e que façam bem aos que as ouvem. Não criem tristeza, amargura, exaltação e ódio; não pronunciem a malícia e a injúria. Sejam bondosos e pacientes uns com os outros, perdendo-vos mutuamente.

No capítulo 5º e 6º reitera as recomendações relativas à boa conduta, à moral doméstica, aos pais e aos filhos, aos servos e aos senhores.

Ao encerrar enfatiza a necessidade de vigiar e orar. De manterem-se ligados ao Plano Superior, ao Pai, para poderem resistir às incursões das trevas. Assim se expressa: "ponde-vos de pé e cingi os rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os pés com o zelo para propagar o evangelho da paz, empunhando o escudo da fé".

Epístola a Filemon

Paulo escreve a Filemon, para pedir, invocando a caridade, que receba de volta a Onésimo, o escravo que o havia deixado, ao fugir, e que servira ao Apóstolo na prisão.

Declara que o ama o ex-escravo como filho, afirmando ser ele o filho que gerou na prisão. Diz ainda: "Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, não mais como escravo, mas bem melhor do que como escravo, como irmão amado".

Paulo se refere ainda a um prejuízo que teria sido causado pelo escravo fugitivo, pelo que sugere seja perdoado, ao dizer: "põe isso na minha conta".

É a única carta de que Paulo se serve para fazer um pedido e não para aconselhar ou ensinar.

Enquanto aguardava o julgamento e sua libertação, Paulo teria escrito as Epístolas a Timóteo e a Tito.

Como essas cartas divergem no estilo, alguns estudiosos atribuem a redação das mesmas a Lucas, que acompanhava Paulo. Outros dizem que essa mudança seria a consequência de sua idade.

Epístola I Timóteo

Paulo escreve a seu discípulo, e “verdadeiro filho na fé”, Timóteo, que por sua orientação havia permanecido em Éfeso. Recebera ele do Plano Espiritual, através de Paulo, o encargo de disseminar a doutrina cristã, e de orientar as Ecclesias que haviam sido implantadas. Era um dos principais discípulos, de que o Apóstolo se utilizou, para visitar as Casas que se encontravam em funcionamento.

Começa sua carta esclarecendo as razões para que o houvesse deixado naquela cidade. Teria sido com o intuito de que chamasse a atenção daqueles que se desviando da linha da caridade, da pureza de coração e, da fé sem hipocrisia, estariam “se perdendo em palavreado frívolo, pretendendo passar por doutores da Lei, quando não sabem nem o que dizem e nem o que afirmam tão fortemente” (1:6-7).

Que a Lei é destinada a todos os que transgridem os ensinamentos, a tudo o que se opõe ao Evangelho (1:8-11).

Lembra ao discípulo, que segundo as profecias, as mensagens que haviam sido transmitidas sobre o trabalho a ser realizado por

Timóteo, deveria ele "combater o bom combate com fé e boa consciência; pois alguns rejeitando a boa consciência, naufragaram na fé" (1:18-19).

No capítulo 2, Paulo recomenda que orem, que sejam feitas vibrações por todos os homens; pelos dirigentes dos povos, para que todos "possam levar uma vida com piedade e dignidade". São as mesmas vibrações que realizamos hoje, durante os trabalhos, em nossas Casas de Caridade.

Não elege nem discrimina aqueles que deverão receber a atenção de nossas preces, dizendo: "Deus o Salvador, quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (2:3).

Esta afirmação de Paulo corrobora com aquela que declara não ser desejável que nenhuma das ovelhas do rebanho se perca. A todos será dada a oportunidade de se transformar, de aprender, de evoluir intelectual e, principalmente, moralmente, porque, "a verdade", é o conhecimento, a sabedoria. Que a ninguém deixará de ser dada uma oportunidade, em vidas sucessivas, para se redimir dos erros cometidos, para reparar os danos causados.

No capítulo 3 recomenda o cuidado na escolha dos episcopos, os anciãos que serviam nas Ecclesias, dizendo: "se alguém aspira ao episcopado, boa obra deseja. É preciso, porém, que o episcopo seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino, nem dado ao vinho, nem briguento, mas indulgente, pacífico, desinteressado".

Da mesma forma recomenda o cuidado na escolha dos diáconos os das diaconisas, os auxiliares dos episcopos, que também deveriam ser respeitáveis, dedicados à fé e ao trabalho.

Como em nossos dias, serão alvo da observação dos demais, aqueles que pelo seu trabalho, nas novas Casas do Caminho, se distinguem no ensinar e no servir. Cabe a eles dar o exemplo, o testemunho da boa conduta, assiduidade, disciplina, dedicação e sacrifício. Cabe a eles demonstrar, não pelo que dizem ou sabem, não pelas belas palavras que proferem, pela presença marcante ou bem trajada, mas sim, pela maneira como agem; pela humildade, enfim, pela dedicação aos semelhantes, pelo amor ao próximo, também desinteressado, como no tempo de Paulo.

É interessante a preocupação do apóstolo já naquela época, recomendando a Timóteo o cuidado com os falsos doutores, e as falsas doutrinas, que deturpariam os ensinamentos do Mestre. Aqueles que deveriam proibir o casamento, a abstinência de certos alimentos.

Recomenda o exercício da piedade que é um exercício espiritual e não material, "pois contém a promessa da vida presente e futura".

Incentivando seu discípulo, Paulo afirma: "Que ninguém despreze tua jovem idade. Quanto a ti, sê para os fiéis modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza". E ainda, "vigia a ti mesmo e a doutrina" (capítulo 4).

Em relação ao modo de agir com os fiéis, assim se expressa: "Não repreendas duramente o ancião, mas admoesta-o como a um pai; aos jovens, como a irmãos; às senhoras, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda pureza" (5:1-2).

Antes de encerrar, aconselha ao discípulo o cuidado com sua saúde, dizendo: "Não continues a beber somente água; toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas freqüentes fraquezas".

Epístola II Timóteo

Nesta carta, enviada de Roma a Timóteo, Paulo inicia reafirmando o amor fraterno que o liga ao discípulo. Reconhece a sinceridade de propósitos que existe nele e que já existia anteriormente em sua mãe e em sua avó.

Exorta-o a continuar cumprindo a missão mediúnica, que lhe havia sido atribuída pela Espiritualidade Superior, quando diz: "exorto-te a reavivar o dom espiritual que Deus depositou em ti pela imposição das minhas mãos. Pois Deus não nos deu espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade" (1:6-7).

É notória a preocupação de que Timóteo não deveria deixar de atuar como agente de comunicação, entre o Plano Material e o Espiritual, para a viabilização do esclarecimento e orientação dos fiéis.

Ressalta que essa tarefa teria sido a eles atribuída, como uma "vocação santa", não por seu próprio merecimento, mas por estarem eles prontos para isso. Que essa "graça", teria sido outorgada por Jesus "antes dos tempos eternos", isto é, dentro da programação para essa encarnação, não como um

privilégio, mas como um encargo; como tarefa a ser cumprida, com todos os sacrifícios e dedicação nela inseridos e por ela exigidos.

Aliás, é exatamente isso o que ocorre, de um modo geral, com todos os Espíritos dotados de uma mediunidade de prova ou tarefa.

Teria ela sido desencadeada a partir da vinda do Cristo trazendo as mensagens da "Boa Nova", do Evangelho. E complementa, dizendo que nessas mensagens teria o Mestre: "Ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade" (capítulo 1).

Nessas palavras Paulo indica que as mensagens do Evangelho do Cristo nos dão uma nova visão para a vida material, um novo objetivo e utilidade, como campo de aprendizagem a de educação na convivência entre os seres. Mostra que a morte é o retorno ao nosso verdadeiro lar. Dá uma nova visão para a verdadeira vida, a espiritual, onde se encontra a nossa morada na imortalidade.

Recomenda que aquilo que ele aprendera com Paulo, confiasse somente a pessoas fiéis, que

fossem idôneas e que tivessem condições de ensinar a outros (2:2).

Sugere que ele assuma os sofrimentos e sacrifícios, como "soldado de Cristo Jesus"; mesmo porque, aquele que se dedica a seu trabalho só colhe os resultados se agir com correção. Diz ele: "O atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras" (2:3-7).

Indica como sendo um dos grandes perigos da época o surgimento dos falsos doutores, que disseminavam interpretações e conclusões colhidas em discussões inócuas. Assim se referia a elas: "elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem" (2:14).

Este talvez tenha sido um dos grandes empecilhos na manutenção dos princípios contidos no Cristianismo Primitivo, isto é, constante dos ensinamentos originais de Jesus. Os homens foram ajustando a doutrina do Mestre de acordo com seus próprios interesses, interesses esses subalternos, materiais, de poder e de mando, políticos e financeiros. O homem ajustou-a, alterou-a, manipulou-a, até que em inúmeros pontos passasse ela a ser considerada, em nossos dias, como incoerente, contrária à racionalidade, quando, na verdade, é ela a

mais perfeita e racional doutrina moral que jamais nos foi transmitida.

Recomenda que ele se mantenha longe das paixões materiais, dos defeitos que envolvem o homem ainda animalizado, materializado. Lembra-o dos ensinamentos que desde a infância havia recebido e que continham inspiração superior.

Pede que se mantenha na atividade da difusão da doutrina e que o mais cedo possível venha encontrá-lo, trazendo alguns pertences, livros e pergaminhos.

Epístola a Tito

Paulo se dirige a Tito como seu "verdadeiro filho na fé comum". Lembra que o deixou em Creta para que constituísse presbíteros nas Ecclesias de todas as cidades daquela ilha. Reafirma, como havia feito a Timóteo, as qualidades e virtudes morais exigidas para os que viessem a ser escolhidos para a tarefa, bem como, fidelidade na exposição da doutrina, capacidade de ensinar e de refutar os que a contradizem.

Devemos nós tirar ensinamentos dessas recomendações. Devemos nos preocupar na escolha não só dos dirigentes de nossas Casas de Caridade, mas também, com os que se ocupam no ensino dos fiéis. Além do conhecimento da doutrina e da capacidade de transmiti-la, precisam eles dar o testemunho, serem o exemplo vivo, na prática, daquilo que ensinam. Precisam ter autoridade moral para transmitir orientações de fé e disciplina.

Paulo, mais uma vez, se preocupa em orientar seu discípulo contra as investidas dos falsos doutores, principalmente os judeus, os do "partido da circuncisão". Declara então algo que serve a todos os homens que buscam o caminho da verdade: "Para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro: tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas. Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com os seus atos, pois são abomináveis, desobedientes e incapazes para qualquer boa obra".

Orienta a Tito para que encaminhe os fiéis. Enumera as virtudes que todos devem observar; os velhos, homens e mulheres, adultos e crianças. Ao próprio Tito recomenda: "Sê tu mesmo modelo de belas obras, íntegro e grave na exposição da

verdade, exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário, nada tendo de dizer contra nós, fique envergonhado”.

Que deve lembrar a todos a obrigação para com as autoridades e com o próximo em geral.

Encerrando, aconselha que seja fiel na observância dos pontos ressaltados e cauteloso nos debates evitando as “controvérsias insensatas”.

Por fim, pede que se encontre com ele em Nicópolis onde espera passar o inverno.

Epístola aos Hebreus

A Epístola aos Hebreus é considerada como de autoria desconhecida, provavelmente de judeus cristãos helenistas. Não foi reconhecida como sendo de Paulo, por nenhum dos estudiosos. Essa era também a posição de Clemente de Alexandria e de Orígenes, cristãos não seguidores da Igreja Cristã Romana e dirigentes da Escola de Catequese de Alexandria no Egito. Desconhece-se ainda a época em que foi redigida, supondo-se ser posterior ao ano 70, tendo em vista não fazer qualquer referência ao Templo de Jerusalém.

No entanto, conhecendo o que foi relatado por Emmanuel, ao contrário do que supõem os estudiosos, talvez esta seja a única epístola da real autoria de Paulo.

O texto encerra uma característica completamente diferente em relação às outras cartas do Apóstolo. Mas, independentemente da verdadeira autoria, cabe a nós analisar o seu conteúdo, segundo aquilo a que nos propusemos e, principalmente, em função da importância dos ensinamentos que contém.

Não podemos nos esquecer que o autor se dirigia aos Hebreus, aos judeus cristãos, mas que nem por isso haviam deixado integralmente suas crenças e seus costumes. Aliás, isso ficou muito claro, para nós, nas referências feitas aos homens "da circuncisão", e encontradas nas cartas que tiveram os gentios como destinatários.

Em função da preocupação em se dirigir a judeus, os textos dão uma ênfase toda especial às Escrituras judaicas, ao Antigo Testamento e o embasamento dos argumentos utilizados procura sempre o amparo na Lei Mosaica.

Tem seu início no estudo das afirmações atribuídas a Deus e constantes do Antigo Testamento, principalmente nos Salmos e nos Profetas, em relação ao poder de Deus e também da importância do Cristo. Afirma que Jesus é superior aos anjos, que seriam apenas servidores. Que devem ser observados cuidadosamente os ensinamentos que ouviram ou que dEle receberam, para não se transviarem. Que esses ensinamentos foram anunciados inicialmente pelo Mestre e depois fielmente transmitidos pelos que os ouviram; que além dos ensinamentos foi também dado o testemunho pelos sinais, pelos milagres e pela concessão do dom mediúnico, distribuído segundo Sua vontade.

Mostra que Deus, como no Salmo 8, apesar de ter criado tantas maravilhas no universo, ainda se lembra dos homens, enviando a eles o Cristo, Seu Filho, para ensiná-los, sofrer com eles, e não Se envergonhar de os chamar de irmãos. "Santificador e santificados", todos descendentes de um só. Todos filhos, tendo em comum a carne e o sangue que Jesus aceitou assumir. Que essa condição teria feito dEle o sumo sacerdote. Diz ainda: "Pois tendo sido ele mesmo passado pela prova, é capaz de socorrer os que são provados".

Que Jesus, "apóstolo e sumo sacerdote", seria digno de uma honra superior a aquela devida a

Moisés. Que Moisés teria sido um servo de Deus para transmitir o que deveria ser dito, mas que o Cristo seria o Filho de Deus.

Que muitos deixaram de ouvir a palavra de Moisés e por essa razão passaram quarenta anos vagando pelo deserto, não sendo autorizados a entrar em Israel. Que agora deveriam permanecer firmes na fé, pois, possuiriam um sumo sacerdote que seria o intermediário entre eles e Deus.

Que muito ainda existiria para esclarecê-los, sobre temas que lhes pareceriam de difícil compreensão. Que pelo conhecimento de que já dispunham deveriam ter se tornado mestres, mas que ainda permaneciam como crianças, a quem só poderia ser oferecido o leite e não o alimento sólido. Que só poderiam receber o alimento sólido aqueles considerados adultos, os que possuíssem o senso moral exercitado no discernimento entre o bem e o mal.

Só está preparado para absorver e aplicar os conhecimentos de cunho moral, aquele que atingiu certo nível de evolução moral. Aquele que tem a capacidade de discernir e avaliar racionalmente; aquele que já adquiriu uma certa espiritualização.

Por essa razão, propõe que se elevem à perfeição a fim de receberem os ensinamentos mais profundos do Cristo, deixando de lado os de conteúdo elementar que já deveriam conhecer por serem fundamentais, como: "o arrependimento das obras mortas e a fé em Deus, a doutrina sobre os batismos e a imposição das mãos, a ressurreição dos mortos e o julgamento eterno".

Convêm analisarmos o que seriam esses ensinamentos considerados elementares e que teriam sido transmitidos por Jesus.

Consideravam como obras mortas, toda a realização de fundo moral que não tivesse sido realizada com fé, caridade, fraternidade. Aquelas feitas com o intuito de satisfazer o orgulho, a vaidade. Obras visando aparecer, perante os outros, como um ser melhor do que realmente é. Obras pelas quais, como dizia o Mestre, o executor já teria sido materialmente remunerado.

Quanto a doutrina sobre os batismos, já conhecemos as referências de Paulo sobre o batismo essênio do arrependimento, difundido por João, e o batismo pelo fogo ou pela imposição das mãos, aflorando a sensibilidade mediúnica.

Em relação à ressurreição, Paulo havia deixado clara a diferença entre a ressurreição da carne e a do espírito e do julgamento do homem, sendo atribuído a cada um segundo suas obras.

Fala da quase impossibilidade de sofrerem uma recaída, aqueles que conheceram as influências benéficas emanadas da espiritualidade superior, que receberam comunicações de Espíritos de luz, que ouviram a beleza de suas palavras e as notícias sobre a vida no mundo espiritual; Que esses que abandonam a fé são como a terra que absorve a chuva abundante e que, ao invés de produzir vegetação útil, produzem espinhos e pragas. Seria como crucificar o Cristo novamente.

Que, no entanto, espera que estejam eles do lado bom e que perseverem na fé. "Pois Deus não é injusto. Não pode esquecer a vossa conduta e o amor que manifestastes por seu nome, vos que servistes e ainda servis os santos" (6:10).

Que Jesus seria como Melquisedec, o rei-sacerdote de Deus, eterno "Rei da Justiça" e "Rei da Paz", sem pai, sem mãe, sem princípio e sem fim de vida. O Sumo Sacerdote que havia recebido de Abraão o dízimo de sua vitória contra os inimigos (Gênesis 14).

Ao que se sabe, foi dessa passagem do Antigo Testamento que teve origem a obrigação do pagamento do dízimo aos sacerdotes judeus, prática que muito convenientemente passou a ser adotada posteriormente por outros sacerdotes de outros credos.

Afirma que Jesus se constitui em um outro sacerdote semelhante a Melquisedec, não segundo a carne mas segundo "o poder da vida imperecível". Que os demais sacerdotes deveriam realizar o sacrifício diariamente por seus pecados e pelos do povo, mas não Ele, Jesus, porque já teria feito o sacrifício oferecendo-se a si mesmo. Declara: "Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado mais alto do que os céus".

Que Jesus seria um sacerdote superior aos sacerdotes levíticos pecadores e mortais. Que através do Cristo, como mediador, seria realizada uma Nova Aliança, bem melhor que a anterior, "cuja constituição se baseia em melhores promessas". Que a nova aliança tornou velha a primeira que, em consequência, está prestes a desaparecer.

Relata que segundo o prescrito por Moisés, os sacerdotes deveriam anualmente espargir sangue

na tenda da Aliança, em sacrifício. O Cristo, no entanto, de uma só vez "se manifestou para abolir o pecado por meio do seu próprio sacrifício".

Que a morte do Cristo teria ocorrido como pagamento do resgate das transgressões cometidas durante a vigência da primeira aliança. Que essa teria sido a herança prometida e deixada por Jesus, que só passou a ter valor, como todo testamento, com a morte do Mestre, o testador.

Na epístola, conclui que os sacrifícios realizados pelos sacerdotes era inútil, pois não obtinha resultados, devendo ser repetidos por várias vezes, enquanto que, o sacrifício realizado pelo Cristo, uma única vez, já os teria obtido.

Em relação ao "sacrifício de sangue" a que Jesus teria se submetido, para poderem ser perdoados os pecados dos homens, entendemos que essa afirmação só poderia ser aceita em seu sentido figurado. Isso, em virtude de deverem ser levados em consideração os seguintes aspectos:

- Teríamos que aceitar, também como válidos, aqueles sacrifícios realizados nos templos judeus e pagãos o que nos aprice absurdo;

- Jesus não aceitava essa prática e, mesmo, a condenava;

- Os ensinamentos de Jesus não abrem condições para se admitir, em qualquer hipótese, o perdão imerecido dos nossos erros;

- A aceitação desse perdão seria uma injustiça aos que haviam desencarnado antes de sua vinda e aos que encarnaram depois;

- Como Paulo afirmou, insistentemente, à retribuição será dada a cada um, segundo suas obras. Podemos, portanto, concluir que o sacrifício de Jesus foi o de encarnar para anunciar a Boa Nova, dando condições para que, pelo conhecimento de Seus ensinamentos, o mundo iniciasse uma nova fase evolutiva; para que tivéssemos conhecimento da necessidade de realizarmos a nossa transformação moral, combatendo nossas inferioridades através da Lei do Amor. Essa teria sido a salvação, que passaríamos a poder conquistar, por não mais nos encontrarmos envoltos nas trevas da ignorância.

Diferentemente do encontrado em outras Bíblias que não mantiveram o texto original, a de Jerusalém conclui: "E como é fato que os homens devem morrer uma só vez, depois que vem um julgamento, do mesmo modo, Cristo foi oferecido

uma vez por todas para tirar o pecado da multidão" (9:27). Nas outras Bíblias, o texto é bastante diferente. Na Bíblia da Edições Paulinas, por exemplo, encontra-se a afirmação: "está decretado que os homens morram uma só vez e que depois disso se siga o juízo" (grifos nossos).

Aqueles que não reconhecem a reencarnação, baseiam-se na afirmação de que "os homens devem morrer uma só vez". No entanto, não conseguem esclarecer porque na frase do texto original é usado o numeral: "depois que vem um julgamento", o que deixa indefinido a qual dos julgamentos se refere, podendo, portanto, repetir-se ele varias vezes. Ao invés disso, no texto alterado, foi usado o artigo masculino: "depois disso se siga o juízo", o que pretenderia indicar a existência de um único julgamento, em uma única vez.

Conclui, portanto que a Lei Mosaica é incapaz de levar os homens à perfeição. Que, na vigência da Nova Aliança, não mais havendo sacrifícios e, desde que, conheçam eles a verdade, ao voltarem a pecar certamente serão condenados.

Não encontramos aqui a abertura para a existência de qualquer outra forma através da qual pudesse ser obtido o perdão dos pecados ou que isso tivesse sido outorgado a qualquer homem, sacerdote ou instituição.

Indicam que, como seus antepassados, devem manter a fé: "A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se vêem". "É pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem sua origem em coisas manifestas" (11:3).

Essas frases são de extrema profundidade e demonstram, para a época, um grande conhecimento.

Inicialmente, demonstram entender que os bens que podemos esperar dependem de nosso merecimento ou que nos serão eles fornecidos como meios para a viabilização daquilo que devemos executar; em ambas as hipóteses, pertencem à realidade espiritual, somente conhecida no plano astral.

Por outro lado, demonstra conhecer que a vontade do Pai, a palavra, é o meio utilizado no ato da criação e que a criação

material, a matéria, é a energia plasmada pelo pensamento.

Lembra aos conhecedores das escrituras mosaicas, que foi pela fé que todos os principais antepassados do povo hebreu e seus profetas conseguiram realizar suas tarefas amparados por Deus. Da mesma forma propõe que sigam o exemplo dado pelo Mestre Jesus, "rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve".

Sob o título de "A educação paterna de Deus", esclarece o caminho do aprendizado e da evolução. Devido a importância desses esclarecimentos vamos reproduzi-lo: "Meu filho, não despreze a correção do Senhor, não desanime quando ele te repreende; pois o Senhor educa a quem ama, e castiga a quem acolhe como filho. É para a vossa correção que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não corrige? . . . Nós tivemos nossos pais segundo a carne para nos corrigir, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos? Pois eles nos corrigiram por pouco tempo, segundo o que lhes parecia bem. Deus, porém, nos educa para o nosso bem, a fim de nos comunicar sua santidade. Toda correção, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz

naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça” (12:5-11).

Aquele que entende a lei da Evolução, que compreende as necessidades do acréscimo de conhecimento moral e intelectual, compreende as palavras contidas nesse texto, que coincidem integralmente com as transmitidas pela Doutrina dos Espíritos. A necessidade de aceitarmos com resignação e paciência os sofrimentos e as dificuldades da vida. Que aquilo que nos parece desagradável, no momento, na nossa vida material, nada mais é que o medicamento que necessitamos para a nossa ascensão espiritual, para nos aproximarmos do Criador.

Encerrando, faz as recomendações de fraternidade, hospitalidade e solidariedade com os que sofrem; condena os apegos materiais, e aconselha a manutenção da fé, lembrando que a cidade que possuem na Terra não é permanente e que, portanto, devem se preocupar com a que está por vir.

SEGUNDA PARTE

As Epístolas de:

Tiago,

Pedro,

João

e Judas.

A Epístola de Tiago

Antes de iniciarmos o estudo dessa epístola devemos comentar as dúvidas existentes em relação a seu Autor e a época em que foi escrita.

A autoria desta epístola pode ser atribuída a duas diferentes personagens, com o mesmo nome, que aparecem no cenário dos anos que se passaram após o desencarne de Jesus. São eles, de um lado, o Apóstolo Tiago, filho de Alfeu, conhecido por suas posições cristãs bastante ligadas ao Judaísmo e de atuação menos expressiva. De outro, Tiago, irmão de Jesus, conhecido como Tiago, o Justo, que apesar de não ter sido um dos seguidores do Mestre, após o desencarne de Jesus, passou a ser o líder dos apóstolos e o primeiro bispo de Jerusalém, citado várias vezes no Atos das Apóstolos e por Paulo. Tudo indica que essa transformação teria ocorrido após a vidência que teria tido do Mestre e que é citada em I Coríntios (15:3 a 8).

Reforça, ainda mais, essa dúvida, por ter sido ela escrita em grego, língua que ignora-se ser conhecida por Tiago. Os historiadores, no entanto, insistem que ela poderia ser de autoria do irmão de Jesus, ajudado por um conhecedor da língua.

Encontramos ainda nas notas de rodapé "f" em Atos dos Apóstolos (12:17), a afirmação de que o irmão de Jesus é o autor da Epístola.

Ela se caracteriza por conter um inestimável volume de ensinamentos. É endereçada segundo o costume da época, "às doze tribos da Dispersão". Trata-se, no caso, dos judeus cristãos emigrados da Palestina, dispersos pelo mundo greco-romano.

Tiago inicia sua carta declarando esperar que as provações, a que estariam sendo submetidos, sejam motivo de alegria pela provação da fé. Que a fé leva à perseverança e que é através da conquista da perseverança que irão eles alcançar a perfeição.

Afirma que aquele que necessita de sabedoria deve pedir a Deus, que a concederá, desde "que peça com fé, sem duvidar, porque aquele que duvida é semelhante às ondas do mar, impelidas e agitadas pelo vento" (1:6).

Que o pobre humilde será glorificado, enquanto que o rico orgulhoso acabará por ser humilhado, porque é ele como a flor da erva. "Com efeito, basta que surja o sol com seu calor: logo seca a erva e sua flor cai, e desaparece a beleza do seu viço! Eis como acabará por perecer o rico no meio dos seus negócios!" (1:11).

Diz ser "Bem-aventurado o homem que suporta com paciência a provação! Porque, uma vez

provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam" (1:12). Que Deus não submete ninguém às provas, mas que somos provados em decorrência de nossos próprios defeitos que, por sua vez, geram a morte. "Antes, cada qual é provado pela própria concupiscência que o arrasta e seduz" (1:14).

Esses ensinamentos, baseados naqueles deixados por Jesus, vem confirmar com bastante clareza o que nos diz a Doutrina dos Espíritos quando mostra que somos os únicos responsáveis pelos nossos atos. Que a evolução do homem só pode acontecer em consequência do aprendizado alcançado na vivência prática. Que isso se seguirá repetidamente enquanto não vencer ele todas as provas.

Diz, ainda, explicitamente, que Deus não submete o homem a qualquer prova, mas que ele é provado em decorrência da cobrança de sua consciência em virtude dos erros praticados. Que somente após vencer essas etapas, alcançando o conhecimento intelectual e a transformação moral, se espiritualizando, enfim, é que poderá o homem deixar de se ligar à matéria, vencendo, como diz o apóstolo, a própria morte.

Enfatiza que o conhecimento, para ser alcançado, passa pelo aprendizado, pelos obstáculos a serem superados, pelas experiências e dores a serem sofridas com paciência e resignação, único meio de atingir-se a evolução.

Continuando, diz que Deus nos criou, pela Sua vontade, para sermos frutos de Sua criação. Que fomos criados segundo a "palavra de verdade", a sabedoria que alcançaremos evoluindo segundo a Lei da Liberdade, isto é, pelo nosso próprio esforço, pelo nosso livre-arbítrio.

A "verdade" que deveremos alcançar, isto é, a sabedoria, nos será acessível progressivamente. A Lei da Liberdade é alcançada pelos seres, a medida em que vão se libertando dos comandos instintivos e adquirindo racionalidade. Com a ampliação da razão o ser adquire condições de agir por sua própria decisão, por seu livre-arbítrio e, em consequência, passa a assumir responsabilidades pelos atos praticados. No aprendizado, errando, corrigindo erros, caindo e levantando, vai adquirindo conhecimento e, portanto, reduzindo o grau de sua ignorância. Como foi criado para o bem, sentimento que tem em si em estado latente, ao vencer a

ignorância vencerá as tendências más, porque o mal, não existe; é fruto da ignorância, da ausência do bem. Essa, em síntese, é a Lei da Liberdade, elemento essencial da Lei da Evolução que, por sua vez, obedece às Leis de Ação e Reação e de Causa e Efeito.

Confirmando essas observações afirma com clareza: "Que cada um esteja pronto para ouvir, mas lento para falar e lento para encolerizar-se; pois a cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus. Por essa razão, renunciando a toda imundície e a todos os vestígios de maldade, recebi com docilidade a palavra que foi plantada em vossos corações e é capaz de salvar nossas vidas" (1:19-21).

Mais uma vez enfatiza a necessidade de nos mantermos em equilíbrio, de vencermos nossos próprios defeitos com resignação, pois não será através da revolta da indignação que se fará a justiça divina, mas, pelo contrário, só se fará com o aprendizado alcançado ao vencer cada uma das etapas que percorrerá durante a vida.

E, ainda, assim se exprime: "Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes, enganando-vos a vós mesmos! Com efeito, aquele que ouve a Palavra e não a pratica, assemelha-se ao homem que, observando seu rosto no espelho, se limita a observar-se e vai embora, esquecendo-se logo da sua aparência. Mas, aquele que considera atentamente a Lei perfeita de liberdade e nela persevera não sendo ouvinte esquecido, antes, praticando o que ela ordena, esse é bem-aventurado no que faz" (1:22-25).

Contrariando a grande maioria dos que se consideram cristãos, afirma: "Se alguém pensa ser religioso, mas não refreia a língua, antes se engana a si mesmo, saiba que sua religião é vã. Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo" (1:26-27).

No capítulo 2 nos ensina que:

Não devemos discriminar as pessoas; não as tratarmos diferentemente, segundo sejam pobres ou ricas; bem ou mal trajadas. Que em nossa Casa de Oração, em nossa "Ecclesia", nossa "assembléia", devemos tratar a todos conforme nos ensinou o Cristo: "Amarás teu próximo como a ti mesmo".

Novamente aqui encontramos a ênfase que, no Cristianismo Primitivo, era dada a considerarem-se todos os cristãos iguais. Da mesma maneira que o próprio Mestre, Seus apóstolos não definiam nenhuma hierarquia entre eles. A todos era ressaltada a importância do servir ao próximo e não a de ser estabelecida qualquer precedência entre eles ou em relação aos demais cristãos.

Reitera que não adianta termos fé se não servimos ao nosso próximo, se não nos transformamos; se não cumprimos a nossa obrigação de amor fraterno.

“Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (2:14-17). “Com efeito, como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta a fé sem as obras” (2:26).

No capítulo 3 nos alerta sobre o mal uso de nosso pensamento e da palavra. É sábio quando diz:

“Quando pomos freio na boca dos cavalos, a fim de que nos obedeçam, conseguimos dirigir todo seu corpo. Notai que também os navios, por maiores que sejam, e impelidos por ventos impiedosos, são, entretanto, conduzidos por um pequeno leme para onde quer que a vontade do timoneiro os dirija. Assim também a língua, embora seja pequeno membro do corpo, se jacta de grandes feitos! Notai como pequeno fogo incendeia floresta imensa. Ora, também a língua é fogo”. E complementa: “Mas a língua, ninguém consegue domá-la: é mal irrequieto e está cheia de veneno mortífero. Com ela bendizemos o Senhor, nosso Pai, e com ela maldizemos os homens feitos à semelhança de Deus. Da mesma boca provêm bênção e maldição. Ora tal não deve acontecer, meus irmãos”. “Porventura, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira produzir figos?”

Em mais um ensinamento de grande profundidade nos fala da diferença existente entre a sabedoria que se traduz em boas obras e daquela que não dá frutos. A verdadeira e a falsa sabedoria. “Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo bom comportamento suas obras repassadas de docilidade e sabedoria. Mas, se tendes inveja e preocupações egoísticas no vosso coração, não vos orgulheis nem mintais contra a verdade, porque esta sabedoria não vem do alto; antes, é terrena, animal,

demoníaca. Com efeito, onde há inveja e preocupação egoística, aí estão a desordem e toda sorte de más ações. Por outra parte, a sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura, depois pacífica, indulgente, consoladora, cheia de misericórdia e de bons frutos, isenta de parcialidade e de hipocrisia”.

Como conclusão dessas afirmações, no capítulo 4 é objetivo ao exemplificar: “De onde vêm as guerras? De onde vêm as lutas entre vós? Não vêm daqui: dos prazeres que guerreiam nos vossos membros? Cobiçais e não tendes? Então matais? Buscáis com avidez, mas nada conseguis obter? Então vos entregais à luta e à guerra”.

Demonstra que cada um de nós responderá pelos seus atos. Esclarece que cada efeito tem sua causa no aprendizado das vidas que se sucederão, até que tenhamos a capacidade de aprender e nos modificar. “Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir. Vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças. Vosso ouro e vossa prata estão enferrujados e a ferrugem testemunhará contra vós e devorará vossas carnes” (5:1-3).

Assim encerra sua epístola concitando os cristãos a serem, verdadeiros, honestos: “Antes seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não”.

Orienta-os a vigiar e a orar. Estimula-os a serem, fraternos, magnânimos com o próximo, reconduzindo aqueles que se afastaram da verdade, afirmando que aqueles que assim agem estarão a salvo da morte e que esse ato de amor "cobrirá uma multidão de pecados" (5:19-20).

As Epístolas de Pedro

Segundo o que consta no Evangelho de João (1:42), Simão Bar Jones, foi chamado por Jesus de "Cefas" que quer dizer pedra; daí ser conhecido por Pedro, Simão Pedro. Era ele irmão de André, ambos nascidos em Betsaida, na Galiléia e pescadores do lago de Genesaré.

Epístola I de Pedro

Pedro se dirige aos cristãos de todas as origens, atingidos pela revelação trazida pelo Cristo.

Agradece ao Pai por terem podido renascer em esperança pela fé e pelos ensinamentos de Jesus. Que nessa herança por Ele deixada encontra-se o caminho para a salvação das almas.

Recomenda aos fiéis: "Como filhos obedientes, não consentais em modelar vossa vida de acordo com as paixões de outrora, do tempo da vossa ignorância. Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo

o vosso comportamento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (1:14-16).

Confirma que: o Pai, "com imparcialidade julga a cada um de acordo com suas obras" (1:17).

Que não fomos resgatados da ignorância, da vida fútil levada pelos que não haviam conhecido a palavra do Mestre, mas pelas palavras da Boa Nova, trazidas por Jesus, "conhecido antes da fundação do mundo, mas manifestado por causa de vós" (1:18-20).

Que tendo agora o conhecimento da verdade, poderão praticar um amor fraternal sem hipocrisia e reitera: "Amai-vos uns aos outros ardentemente e com coração puro".

Que serão transformados não por uma semente de origem material, mas espiritual, que é permanente.

Aconselha obediência à nova mensagem: "Portanto, rejeitando toda maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e toda maledicência, desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra, a fim de que por ele cresçais para a salvação, já que provastes que o Senhor é bondoso" (2:1-3).

Recomenda que se aproximem de Jesus, comparando-o à pedra usada como base para as fundações dos edifícios. A pedra que teria sido rejeitada pelos homens, mas que seria a escolhida

por Deus para ser a mais importante, a “cabeça de esquina”, que será também a pedra de tropeço para aqueles que não seguirem os ensinamentos que a todos foi destinado. Apresenta essa figura, da pedra angular, baseado nas citações dos profetas, Jó (38:6) e Isaías (28:16), nos Salmos (118:22), que também foi reproduzida no Atos dos Apóstolos (4:11).

Orienta a conduta em relação aos semelhantes, de qualquer origem, às autoridades, dos criados em relação aos senhores, das mulheres em relação aos maridos e estes em relação a elas, e entre os irmãos.

Que aqueles que seguem a Boa Nova, não mais seguem a vida sem virtudes, mas que obedecem os ensinamentos nela contidos. Por essa razão teria ela sido anunciada aos vivos e aos mortos, para que sigam segundo os princípios espirituais.

Insiste na orientação de que devem levar uma “vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração. Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados” (4:6-8).

Seria um absurdo pensarmos que teria o Evangelho sido pregado aos encarnados e desencarnados se não

pudessem, todos eles, aproveitar desses conhecimentos para sua espiritualização e conseqüente evolução. É clara a afirmação de que a oportunidade, para que se transformem, é dada a todas as criaturas de Deus que, para tanto, serão provadas em inúmeras vidas sucessivas pela reencarnação.

Que preparando-se para uma nova fase evolutiva devem todos se conduzir com equilíbrio, se conduzindo segundo uma "vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração". Que todos devem cultivar o "amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados".

Recomenda, ainda, que todos devem se consagrar ao trabalho de dedicação ao próximo, ao serviço de uns aos outros por meio da mediunidade, dos carismas, dizendo: "conforme o dom que cada um recebeu" dentre a "multiforme graça de Deus". E, complementa: "Se alguém fala, faça-o como se pronunciasse palavras de Deus" (4:10-11).

Após outros conselhos aos anciãos e aos fiéis em geral, declarando enviar a epístola por Silvano, encerra dizendo que a Ecclesia de Roma os saúda com os votos de paz em Cristo.

Epístola II de Pedro

Dirige-se aos cristãos.

Afirma que Deus nos concedeu, na criação, toda a natureza divina; todas as condições necessárias para que pudéssemos desenvolver, pelo nosso esforço, a evolução que só poderá ser conquistada após nos libertarmos da corrupção, dos vícios e defeitos, que ainda trazemos conosco em função de nossa ignorância. Somente através do conhecimento obtido nas experiências alcançadas em vidas sucessivas é que poderemos ir, progressivamente, substituindo essa ignorância pelo conhecimento; transformando o homem animal, que ainda habita em nós, pelo homem espiritual.

Isso, podemos depreender claramente das seguintes palavras: "Por isso mesmo, aplicai toda a diligência em juntar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a piedade, à piedade o amor fraterno e ao amor fraterno a caridade. Com efeito, se possuídes essas virtudes em abundância, elas não permitirão que sejais inúteis nem infrutíferos ao conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, aquele que não as

possui é um cego, um míope: está esquecido da purificação de seus pecados com as boas obras" (1:5 a 9).

Diz, ainda, que devemos buscar o conhecimento nas profecias, "como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d'alva em nossos corações". Que as profecias não resultam de interpretação particular e não vêm pela vontade do homem, mas são manifestações de Espíritos superiores que falam em nome de Deus.

Alerta, no entanto, para as mensagens dos falsos profetas, como dos falsos mestres que possuem outros interesses que não o do acréscimo de conhecimento.

Alerta, também, utilizando as figuras apresentadas por Moisés, no Antigo Testamento, para falar do risco que correm aqueles que se afastam dos ensinamentos do Mestre, diante da "ira do Senhor". Recomenda, mais uma vez, a vida sem mácula, irrepreensível, recordando, que da mesma maneira o apóstolo Paulo tem se manifestado em suas cartas.

As Epístolas de João

João, irmão de Tiago, eram ambos filhos de Zebedeu, apóstolos e pescadores no lago de Genesaré.

João foi nomeado por Jesus, no momento da crucificação, para acompanhar Maria de Nazaré (João 19:26-27), sendo, também, o autor do Evangelho e do Apocalipse que levam seu nome.

Epístola I de João

Inicia declarando que deseja anunciar aquilo que lhe foi permitido ver e conhecer quando de sua convivência com Jesus.

Se, estamos com o Pai, caminhamos na luz em comunhão, uns com os outros. Devemos romper com os pecados, reconhecendo e combatendo nossos defeitos. Devemos observar os ensinamentos do Mestre colocando-os em prática. Devemos andar como Ele andou. Exemplificando, diz: "Aquele que diz que está na luz, mas odeia o seu irmão, está nas trevas até agora" (2:9). Aquele

que não ama o próximo ainda não alcançou a luz, mas está cego.

Afirma que tudo o que há no mundo, tudo o que é material passa, é ilusório, mas o que é espiritual, que faz a vontade de Deus, permanece eternamente.

Todos somos filhos de Deus, mas o que seremos, um dia, depende de nossos atos.

A primeira condição é a de "romper com o pecado", colocar em prática os ensinamentos que o Mestre nos trouxe, encontrando-se aí o motivo de sua encarnação.

A segunda condição é a de "observar os mandamentos especialmente o da caridade". "Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o início: que nos amemos uns aos outros" (3:11).

Diz ainda: "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Aquele que não ama permanece na morte" (3:14).

Outra vez encontramos claras as figuras que nos indicam a verdadeira vida como sendo a vida espiritual, e ainda, a condicionante da nossa transformação para a evolução até que um dia não mais estejamos dependentes das encarnações corretivas, nos libertando da "morte".

“Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (3:18)

Recomenda como terceira condição: “Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus;” (4:1-3). “Eles são do mundo; por isso falam segundo o mundo e o mundo os ouve. Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito de verdade e o espírito do erro” (4:5-6).

Está contida nessas palavras a reprodução aproximada do que é descrito no Livro do Pastor, de Hermas, já citado nesta obra, na epístola de Paulo aos romanos. Toda manifestação mediúnica deve ser analisada quanto ao nível do Espírito que se comunica e a qualidade de sua mensagem.

Em seguida recomenda o amor de uns aos outros, lembrando que esse sentimento é próprio daqueles que já conhecem a Deus, por Suas leis, por seus mandamentos e pelos ensinamentos do Mestre Jesus.

Jesus foi quem nos deu o conhecimento do Pai e da verdade, e nos permitirá atingir a vida eterna, não permitindo que nada de mal venha a nos atingir.

Epístola II de João

Supõe-se que esta carta tenha sido escrita na cidade de Éfeso onde foi ele um servidor, um Ancião.

Inicia, se dirigindo aos cristãos de uma outra comunidade, não apenas em seu nome, mas de todos os outros também conhecedores da verdade.

A eles se dirige com a única preocupação de que se amem uns aos outros, vivendo segundo os ensinamentos de Deus.

Que devem se precaver contra os falsos doutores que podem pôr a perder todo o trabalho que haviam realizado. Que só devem aceitar aqueles que são portadores de mensagens que se coadunem com a doutrina do Cristo.

Que espera poder dizer muito mais, não por carta, mas pessoalmente.

Epístola III de João

Esta carta é dirigida do Ancião a um querido amigo chamado Gaio a quem elogia por suas atitudes no auxílio aos outros cristãos que se dedicam ao trabalho de divulgação da doutrina.

Critica as atitudes de Diófretes, responsável por outra comunidade que não recebe os outros irmãos. Recomenda que ele não imite os maus atos, mas que fique com o bem.

Elogia também a Demétrio, provavelmente o próprio portador da epístola, testemunhando em seu favor.

Encerra com saudações, também afirmando ter muito que dizer, mas que pretende fazê-lo pessoalmente.

Epístola de Judas

Mais uma vez nos encontramos indefinidos quanto a autoria desta epístola.

O autor inicia o versículo 1 com as seguintes informações: "Judas, servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago ...". No Novo Testamento, as citações feitas a Tiago, sem outras informações, sempre se referem ao irmão de Jesus, conforme notas de rodapé encontradas na Bíblia de Jerusalém. Aceitando-se esta possibilidade, o Autor da epístola seria o outro irmão de Jesus (Mateus 13:55). Segundo o historiador Ernest Renan, Jesus, além de Tiago, teria um irmão chamado Judas que não havia sido um seguidor do Mestre. Hegésipo, outro historiador, cita que somente dois dos netos de Judas teriam se tornado cristãos. No versículo 17 desta mesma epístola, o Autor cita: "lembrai-vos das palavras de antemão preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo". Confirma, portanto, não ser um dos apóstolos.

Essa afirmação parece excluir a hipótese de tratar-se do apóstolo Judas, também chamado Tadeu, irmão de Tiago, filho de Alfeu (Atos 1:13, nota de rodapé, letra "c").

Como dissemos, inicia sua epístola identificando-se como servo de Jesus e desejando que seja concedida, a todos, a paz, a caridade e a misericórdia.

Que teve de escrever a eles para alertá-los da infiltração de pessoas que negam a Jesus, único Mestre e Senhor.

Que essas pessoas procuram desviá-los do caminho do bem; repudiam os ensinamentos que não conhecem, pois o que conhecem só serve para perdê-los. Diz ainda: "são nuvens sem água, levadas pelo vento, árvores que no fim do outono não dão fruto, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz, ondas bravias do mar a espumarem a sua própria imprudência, astros errantes, aos quais está reservada a escuridão das trevas da eternidade" (12-13).

Encerra recomendando que se mantenham unidos, que cresçam na fé e no amor ao Pai, orientando àqueles que ainda estão hesitantes em abraçar os conhecimentos da verdade.

Conclusão.

Quando relemos uma obra literária temos sempre a sensação de descobrirmos novas informações. É conhecido esse sentimento, talvez por possuímos hoje mais conhecimentos do que tínhamos ontem. É possível, então, que essa tenha sido a razão de ao estarmos agora **Relendo as Epístolas** termos encontrado uma nova forma de interpretá-las.

Algumas conclusões podemos tirar ao encerrarmos este estudo e análise das Epístolas incluídas no Novo Testamento.

Dentre os autores dessas cartas se projeta, sem qualquer dúvida, a figura do apóstolo Paulo. Espírito excepcional, que divulgou durante viagens missionárias tantos ensinamentos e mensagens; é ele, agora, para nós, muito maior do que quando começamos a estudá-lo.

Se já o considerávamos um grande homem, pelos feitos que sobre ele ouvíamos falar, agora se agiganta, se ilumina como uma criatura de Deus, dotada de uma grande capacidade intelectual e moral. Em suma, um Espírito de Luz.

Nota-se que os conhecimentos espirituais que difunde não poderiam ter sido adquiridos somente

durante os estudos das Leis Mosaicas; muito menos seriam pelas poucas informações recebidas através dos retalhos de papiros ou pergaminhos que reproduziam os ensinamentos do Cristo e que chegaram às suas mãos ou, mesmo, através dos relatos que lhe tenham sido transmitidos pela tradição oral.

Esse Espírito missionário, que recebeu do Cristo a importante incumbência de disseminar, principalmente entre os gentios, a doutrina e a palavra do Mestre, não poderia ser um Espírito comum, como qualquer um de nós. Teria obrigatoriamente de possuir uma profunda cultura espiritual que foi demonstrando, recordando, à medida que avançava em sua tarefa.

A sua fé, persistência e, dedicação na execução da tarefa, possibilitaram a ele manter um elevado grau de sintonia com o Plano Superior, permitindo que recebesse a orientação e a inspiração que necessitava, para auxiliá-lo, na superação das dificuldades de toda ordem.

Aliado a isso, dispunha de uma mediunidade natural que o manteve permanentemente sintonizado com as entidades encarregadas de sua orientação.

Mesmo que em alguns momentos se apresente com as características próprias de um fariseu, não deixou de, ao mesmo tempo, mostrar

um profundo lado cristão. Sua tarefa se realizou em uma época em que não era possível excluir os costumes e as ameaças das cobranças divinas para conseguir resultados. Se isso era necessário com os judeus, imagine-se com os gentios que adoravam deuses extremamente violentos.

Não podemos nos esquecer que o próprio Cristo, desejando preparar os seus apóstolos, conduziu-os em uma viagem, à Fenícia e à Ituréia, para entenderem o que os esperava quando fossem divulgar o Evangelho além da Palestina.

Mas, mesmo tendo alguns apóstolos difundido a doutrina, seguindo a orientação de Jesus, nenhum deles o fez com tal eficiência e fecundidade, lançando raízes profundas que se alastraram para todos os cantos do planeta.

Nota-se também que, juntamente com Paulo, outros grandes missionários participaram da mesma empreitada; outros que, como ele, serviram ao propósito do Mestre na difusão de Sua mensagem.

O que se pode lastimar é que, apesar de todo esforço, recomendações, conselhos e reprimendas dos apóstolos, que encontramos nas epístolas, os homens que se diziam cristãos, foram adotando as práticas que tanto haviam sido combatidas.

Com o passar do tempo se afastaram da pureza do Cristianismo Primitivo anunciado por Jesus. Por conta de objetivos de poder, ditados por

interesses puramente materiais, organizaram a mesma hierarquia sacerdotal monárquica, condenada pelo Mestre, infectada por todos os vícios inerentes a uma estrutura que afasta o ser humano das virtudes e principalmente da humildade que o credenciaria ao Reino de Deus. Criaram, novamente, uma máquina para o controle dos homens, não ao inculcar neles a pureza de coração conquistada por meio de uma fé racional, mas pela submissão resultante do terror dos castigos prometidos. Voltou o homem a ser coagido a uma dependência a outros homens e não a princípios morais a serem alcançados. Não mais tinham valor os conselhos do Mestre de que devemos buscar falar com Deus, com nossas próprias palavras, fechados em nosso quarto. Mas, passaram a orientar que deve ser usado um ambiente próprio, que necessitamos de um intermediário; que só podemos alcançar o Pai se freqüentarmos a templos, obedecermos a ritos, processos e religiões que o Cristo jamais citou como necessários.

Com o passar do tempo, o epíscopo (bispo), o venerável ancião, que já substituía o diácono (servidor), assume a posição dos professores carismáticos, dos profetas e profetizas, isto é, dos médiuns. Essa estrutura que vai sendo criada passa a ostentar o "chefe da Ecclesia" que assume depois o poder religioso local, como um nobre feudal. Esse

poderoso sacerdote passa então a influir nas decisões políticas e a interferir no poder material, enquanto o Mestre só havia se voltado para os assuntos de interesse espiritual.

Em relação à Doutrina dos Espíritos, sem qualquer sombra de dúvida, Paulo e Tiago, principalmente, anteciparam muitas informações e orientações que foram bem mais tarde detalhadas pelo Espírito Verdade. Muitas afirmações contidas em suas palavras, somente após o conhecimento das obras de Kardec é que nos parecem totalmente claras. Suas mensagens são de extrema profundidade e contém uma característica que pensávamos só encontrar nos ensinamentos de Jesus. São elas, também, válidas em qualquer época.

Além disso, nos demonstraram, com toda a ênfase possível, que a base para a nossa evolução passa pelo esforço individual na reforma íntima contínua e rigorosa, pelo serviço desinteressado de amor ao próximo, em síntese, pelo conteúdo de nossas obras de cunho espiritual, moral. Que dependemos, todos nós, exclusivamente, de nosso esforço e sacrifício, pagando todos os nossos débitos até o último centavo, porque Deus não faz acepção de pessoas e, porque, a cada um será dado segundo seu merecimento.

Para terminar, desejamos elevar o nosso pensamento ao Pai para agradecer a esses santos, e aos demais santos daquela época, que enfrentaram dificuldades para transmitir os ensinamentos do Mestre, permitindo que pudessem ter eles chegado até nós, em algum momento da eternidade.

Agradecemos, ainda, aos Mentores e Amigos Espirituais que possam nos ter auxiliado, por meio da intuição, quer em prol da clareza da redação, quer, e principalmente, na possível fidelidade de interpretação dos textos que acabamos de reler, de reproduzir.

Muita Paz.

Bibliografia

A Bíblia Sagrada. 11. ed. S. Paulo (SP): Paulinas, 1983.

Armond, Edgard. *O Redentor*. 9. ed. S. Paulo (SP): Aliança, 1987.

Armond, Ismael. *O Cristianismo Primitivo*. S. Paulo (SP): Aliança, 2004.

Bíblia de Jerusalém. S. Paulo (SP): Paulus, 2002.

Faria, Jacir de Freitas. *O Outro Pedro e a Outra Madalena segundo os apócrifos*. Petrópolis, (RJ): Vozes, 2004.

Kardec, Allan. *Obras Póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 21. ed. Rio de Janeiro (RJ): FEB, 1985.

Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Júlio Abreu Filho. 22. ed. S. Paulo (SP): Pensamento, 1978.

Xavier, Francisco Cândido. *Paulo e Estevão*. Ditada pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro (RJ): FEB, 1982.

